

Revista aeronáutica

2004

E-mail: revista@caer.org.br

Número 244

Um Brasileiro que virou Monumento na Itália

**Entrevista com o Ministro
Walfrido dos Mares Guia**

Sistema OmniSat

Alcântara: antes e depois

**Gaúchos na Revolução
Constitucionalista de 1932**

Gravidez na Adolescência



Aldir Raposo Martins:

Pacay, Pampa e Jambock



Já são passados muitos anos. Mais de cinquenta.

Conhecemo-nos no Colégio Militar em 1952.

Mas amizade mesmo, só em 1954 quando começamos a cogitar a ida para a EPCAR.

Nesse meio século de vida, jogamos muita bola juntos. Nos Afonsos, ele zagueiro central, e eu, goleiro. E vimos muito o Garrincha jogar torcendo pelo Botafogo.

Fizemos o Curso de Caça juntos, ambos na Esquadrilha de Espadas de Baltar e, depois, Barrinhos. Na companhia de outros amigos que já partiram, do Fleury e do indefectível Tabalipa, Oficial de Manutenção do 1º/4º GAv. E também do *Doc* Paulo Fernandes, nosso médico, que anos mais tarde estaria a bordo do 2068, naquele trágico acidente na Amazônia.

Em Fortaleza (FZ), deixei de ser Pinto (já existia um no 1º/14º) e passei a ser Paulo. Ele deixou de ser Martins (havia o Silvio Romero em Santa Catarina) e passou a ser Raposo. Foi quando surgiu o Aeroporto *Paulo Raposo*, gozação do *Shooting Starling*.

Terminado o curso – ele *Pampa* e eu *Pif Paf* – nos tornamos adversários no *futsal* e nos torneios da Caça.

Voltamos a nos encontrar em 1966 em Fortaleza, quando compusemos a turma de *Instrutores de 66* sob a batuta de Lauro Ney. Isso depois de uma memorável viagem de carro junto com Fleury e Celestino, em que encaramos 1.500 km de terra entre Salvador (SV) e Fortaleza (FZ). E a companhia do desajeitado perdigueiro *porra louca*, o Yuki, que teve, segundo as más línguas da turma, o desaparecimento, meses mais tarde, imputado a nós.

Em 24 de maio de 1966, jogando juntos de novo, derrotamos no *futsal* a imbatível equipe do Exército, de quem ninguém ganhava em Fortaleza (eles tinham um time fantástico formado em volta do Castelo Branco, um cracão de bola que disputava o campeonato cearense).

Cumprido o nosso dever de instrução, destino Santa Cruz. Agora, ele *Pif Paf*, e eu *Jambock*. Um de cada lado do hangar. Ele, Operações do lado do Bar do Lauro com Baptista, e eu com Baltar, do lado do Bar do Zezinho.

Um ano e meio depois estávamos juntos de novo no Esquadrão de Caça Quadrimotor do Galeão: o 1º/1º GT, onde quem não era, acabou sendo por força do ambiente. Ou porque já nascera com o espírito, mesmo não tendo feito o curso; era o caso do Murillo, de quem nos tornamos grandes amigos – eu já o conhecia de Santa Catarina como *Anujá*, no Esquadrão de Helicópteros da Embarcada.

E, mais uma vez, fomos vizinhos no Galeão. E alguns anos mais à frente, de novo, como instrutores da ECEMAR.

Pois o meu amigo e compadre Aldir se foi.

Recebi a notícia em Caxias do Sul. Por *e-mail* do Duncan, duas horas depois de atender a um telefonema de sua filha Laíse, amigona da minha, com quem ela queria combinar alguma coisa.

Aceitei a notícia com a frieza que a vida nos habituou a ter – não tem jeito, todos vamos um dia.

Mas, passadas as horas, comecei a recapitular o que havíamos vivido juntos e me dei conta de que nunca me havia passado pela cabeça que o Aldir fosse mortal.

Ele era dessas pessoas, todos nós temos alguma referência semelhante, que julgamos super-homens.

Inteligente, destemido, personalidade marcante – teimoso, há que ser justo – atleta incomparável, líder nato, dedicado à família, amigo de fé. O que mais dizer?

Apenas que foi um dos melhores pilotos que conheci.

Profissional do ar. Marcou presença no Tiro e Bombardeio do 1º/14º inovando o emprego do Gloster com as técnicas do *Fighter Weapons*, que havia sido nossa *bíblia* em Fortaleza.

Na Seção de Treinamento do 1º/4º, fluente em inglês, refez todo o MAVI, depois de fazermos juntos um estágio com um instrutor da então IPIS da USAF (*Instrument Pilot Instructor School*), curso que ele faria mais tarde.

Em Santa Catarina, vindos diretamente do 1º/4º, atuamos incisivamente na doutrina de implantação do TF-33, que substituiu o Gloster.

Na ECEMAR, foi um destaque representando a FAB na ECEME.

Tudo o que o Aldir fez na vida foi bem feito; por onde quer que haja passado, marcou presença. Deve estar agitando as coisas lá no segundo andar. Junto com Fleury, Starling e Gonçalves.

Fica aqui a saudade do seu amigo e dos Instrutores de 66: Menezes, Silveira *Bacalhau*, Salazar *Zé Bironga*, Celestino, Fleury, Starling, Paulo, Gonçalves *Azul*, Villaça, Marees, Frederico Veiga, *Zé Areal* e Chagas.



Revista **aeronáutica**

2004 E-mail: revista@caer.org.br Número 244

**Órgão Oficial do
Clube de Aeronáutica**

Presidente:

Ten.-Brig.-do-Ar Ref. Ivan Moacyr da Frota

1º Vice-Presidente:

Maj.-Brig.-do-Ar R1 Márcio Calafange

2º Vice-Presidente:

Cel. Av. Ref. Antero Sergio Silva Correa

DEPARTAMENTOS

Administrativo:

Cel. Int. R1 Haroldo Prado de Azevedo

Patrimonial:

Cel. Av. R1 Fernando Moura Correia

Social:

Ten.-Cel. Int. R1 José Pinto Cabral

Cultural:

Cel. Av. R1 Mario F. Pontes Filho

Finanças:

Ten.-Cel. Int. R1 Irajá Domingues da Silva

Beneficente:

Cel. Int. R1 Haroldo Prado de Azevedo

Secretaria Geral:

Cap. Adm. R1 Ivan Alves Moreira

Assessoria Jurídica:

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Aerodesportiva:

Brig. Eng. R1 Edison Martins

Divisão de Ultraleves Motorizados:

Ten. Av. Ref. José Menezes Filho

Sede Social:

Ten.-Cel. Av. R1 Cleber Cirilo dos Santos

Sede Lacustre:

Cel. Av. R1 Nelson Brites

CHICAER:

Cel. Av. R1 Pedro Baptista

Endereço:

Prç. Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20021-200

Tel.: (21) 2210-3212 Fax: (21) 2220-8444

Expediente do CAER:

Dias: de 3ª a 6ª feira - Horário: 9 às 12h e 13
às 17h

Sede Aerodesportiva: (21) 3325-2681

Sede Lacustre: (24) 2662-1049

**Revista do Clube de
Aeronáutica**

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor

Mario F. Pontes Filho

Gerente de Produção Editorial

Márcia Regina L. Horta Galhardo

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão

Dirce Brizida

Conselho Editorial

Presidente

1º Vice-Presidente

2º Vice-Presidente

Chefe do Departº Cultural

Diretor Revista aeronáutica e Jornal arauto

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial, não representando com isto ponto de vista do Clube de Aeronáutica e, sim, dos seus autores. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Consultoria, Produção
Gráfica e Fotolito

Rua do Rezende, 80 - Centro - RJ

Tels.: (21) 2263 3892, 2221 1485

pigmento@pigmentofotolito.com.br

Índice

NOSSA CAPA



04 EDITORIAL

Ainda está em Tempo!

Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota

06 ENTREVISTA



**Ministro do Turismo
Walfrido dos Santos Mares Guia**

Redação

09 NOSSA HISTÓRIA

**2º Ten. Av. John Richardson Cordeiro e Silva:
Um Brasileiro que Virou Monumento na Itália**

Maj.-Brig.-do-Ar Ref. Rui Moreira Lima

13 VISÃO DOS FATOS

**Um Pouco de História sobre as
Contradições do Marxismo**

Carlos Ilich Santos Azambuja

16 ARTE



**A Influência do Reduccionismo e
do Fundamentalismo na Arte**

Araken Hipólito da Costa - Cel. Av. R1

18 EM FOCO



Alcântara: Antes e Depois

Maj.-Brig.-do-Ar Ref. Lauro Ney Menezes

20 ATUALIDADE

Sistema OmniSat

Geraldo Carmo de Assis - Cel.Int.

1932



26 HISTÓRIA

Gaúchos na Revolução Constitucionalista de 1932

Ten.-Brig.-do-Ar Sergio Pedro Bambini

30 CENÁRIO INTERNACIONAL

O Estado: Apreciação sob dois Enfoques

Manuel Cambeses Júnior - Cel. Av. R1



33 MEDICINA E SAÚDE

Gravidez na Adolescência

Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do HCA



38 FÓRUM

Terrorismo: O Preço do Intervencionismo

Brig.-do-Ar R1 Delano Teixeira Menezes

40 POLÍTICA

Para Maiores de Sessenta Anos

Luiz Mauro Ferreira Gomes - Cel. Av. R1



44 CLUBE DE AERONÁUTICA

Eventos

46 CRÔNICA



Sopa de Letrinhas

Maria Veronica Aguilera

47 MUSAL



O Acervo do Museu Aeroespacial em Exposição: Quando Tombar Significa Proteger

Márcia Martins Olímpio



EDITORIAL

EDITORIAL

EDITORIAL

AINDA ESTÁ EM TEMPO!

“Os clubes militares nacionais estão vivendo um momento crítico, com séria repercussão na *representatividade* castrense, fora dos quartéis, no seio da sociedade do país.

Mas, ainda está em tempo...”

Há cinquenta e sete anos, um grupo de pioneiros deu partida à criação de uma entidade associativa que congregasse, fora dos quartéis, os oficiais da Aeronáutica e suas famílias.

No dia 5 de agosto de 1947, diante de uma assembléia constituída de algumas centenas de oficiais e com a presença do Marechal Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República, foi eleito o Brigadeiro-do-Ar Fábio de Sá Earp como o primeiro Presidente do recém-instalado Clube de Aeronáutica.

Seis anos antes, quando era criado o Ministério da Aeronáutica, cerca de 200 oficiais já se teriam reunido para o mesmo fim, sob a presidência do então Cel. Eduardo Gomes. Iniciativa esta que não vingou, devido às prioridades levantadas pela Segunda Guerra Mundial.

Pelos históricos nomes das personalidades citadas já se pode avaliar a importância que era atribuída, em âmbito nacional, à criação de mais uma associação castrense.

Os Clubes Naval e Militar surgiram algum

tempo mais cedo, sendo que este último, já registrava entre seus sócios, não só oficiais do Exército, como também da Marinha e da Aeronáutica.

Na realidade, os clubes militares nacionais, desde o seu início, nunca foram somente o local de encontro para o lazer de seus associados e sim, muito mais, uma caixa de ressonância dos anseios e apreensões de sua microsociedade, em face dos acontecimentos, de toda ordem, no desenrolar da vida nacional

Fartas são as oportunidades de participação do Clube Militar em episódios de vulto da História brasileira, assim como, também, dos Clubes Naval e de Aeronáutica.

Mais liberados das amarras dos rígidos regulamentos militares, no interior de suas associações, podiam os seus membros alçar vôos mais ousados, com influência inegável nas decisões do próprio Estado brasileiro, na maioria das vezes, em defesa intransigente da honra e dos direitos da Instituição fardada, mas, também, da liberdade e soberania da Pátria comum, contra os seus agressores externos e internos.

O Rio de Janeiro era a capital da República e o seu centro político. Tudo o que nela acontecia era notícia em todo o país. Neste contexto, os clubes militares nacionais gozavam de prestígio especial.

Ao formar-se em suas Academias, os jo-



vens oficiais logo se inscreviam como sócios no clube de sua Força, no Rio de Janeiro, independentemente da localidade para onde seriam destacados.

O tempo passou, a sociedade mudou, o conceito de Estado nacional soberano foi enfraquecido por influência de uma perversa *nova ordem mundial*, onde se instalou a injusta divisão do mundo em países principais e secundários e um equivocado conceito de que globalização significa desnacionalização.

A propaganda internacional encarregou-se de divulgar a falsa crença de que as guerras teriam acabado e de que os países (principalmente os secundários...) não precisariam mais de Forças Armadas para sua defesa, pois que as Forças de Paz da ONU se encarregariam disto (?!). Tese esta desmentida pelos acontecimentos atuais, dentre eles, no Iraque, no Afeganistão, na Palestina, em Israel e tantos outros lugares...

Por outro lado, paradoxalmente, apesar do seu extraordinário sucesso desenvolvimentista, a intervenção das Forças Armadas de 1964 a 1985 causou, também, o maior desgaste da História da instituição militar brasileira que, até hoje, sofre suas conseqüências, parecendo ter-se resignado a uma atitude passiva de inaceitável *complexo de culpa*.

Por estes e outros motivos (como a mudança da capital para Brasília), a coesão social dos clubes castrenses nacionais foi se esgarçando e se regionalizando, não despertando mais nos jovens oficiais, o entusiasmo de outrora.

Infelizmente, também, os Quadros sociais dos respectivos Clubes estão sendo gradativamente reduzidos e envelhecidos, tendendo para sua auto-extinção, e a Família Militar segue, assim, perdendo seu importante e indispensável instrumento de presença no seio da sociedade nacional.

Porém, ainda há tempo para a recuperação.

O primeiro passo é o da conscientização desta Família Militar para a importância de voltar a ter uma voz forte no cenário nacional, para que sua presença, não só seja notada, como, também, respeitada como instrumento de defesa dos direitos e interesses de sua classe.

No nosso caso, a fórmula que proponho é a de estimular e facilitar, ao máximo, a inclusão de **todos** os oficiais ativos e inativos como Sócios Efetivos do Clube (nem que para isto tenhamos que fazer concessões especialíssimas), a fim de fortalecer sua *representatividade* como **órgão central** do sistema de associações militares da Aeronáutica, capacitando-o, inclusive, a **coadjuvar os companheiros fardados**, na busca da realização dos justos anseios de nossa coletividade.

Prezados companheiros, apesar do enorme potencial de lazer que oferece, a nossa Associação precisa também dar a vocês muito mais do que isto. Precisa ser a própria voz da Família Militar Aeronáutica no contexto da sociedade brasileira.

No momento, estamos propondo ao Conselho Deliberativo um processo de crescimento, a curto prazo, do cadastro de associados, mediante a admissão de membros, em condições especiais

No dia 3 de março do corrente, nossa chapa foi eleita e empossada para dirigir o Clube nos próximos dois anos, com uma postura inabalável de lutar para vencer as imensas adversidades que nele encontramos.

Assim, exorto a todos, neste instante, a nos engajarmos, juntos, nesta grande batalha para uma verdadeira ressurreição do nosso querido Clube de Aeronáutica.

AINDA ESTÁ EM TEMPO!



Ten.-Brig.-do-Ar Ivan Frota
Presidente



Ministro do Turismo

Walfrido dos Santos Mares Guia

Mineiro de Santa Bárbara, o Ministro do Turismo Walfrido dos Mares Guia é empresário e político de sucesso. Casado com Sheila Mares Guia, também empresária, tem dois filhos. Engenheiro Químico por formação, Mares Guia foi vice-governador de Minas Gerais de 1995 a 1998, além de comandar, anteriormente, as Pastas de Ciência e Tecnologia, Educação e Planejamento. Na última legislatura, representou Minas na Câmara Federal, e atuou como Presidente da Comissão de Educação daquela Casa. Na área privada é Presidente do Sistema Pitágoras de Ensino. Apesar de não ser oriundo do setor turístico – o “trade” como é conhecido – o Ministro Walfrido discorre com segurança e conhecimento sobre os caminhos para organizar o setor no nosso país. A Revista aeronáutica sente-se honrada em apresentá-lo aos nossos associados.



RA – O Ministério do Turismo foi criado pelo governo do Presidente Lula. Qual a principal estratégia para estruturar uma política para o setor?

MG – Em abril do ano passado apresentamos o Plano Nacional de Turismo, com metas claras para o setor até 2007: ampliar para 9 milhões o número de turistas estrangeiros, por ano, no Brasil; gerar US\$ 8 bilhões em divisas; criar 1,2 milhões de ocupações diretas e indiretas; aumentar para 65 milhões o número de desembarques nacionais; e criar três produtos turísticos de

classe internacional, em cada estado e no Distrito Federal.

Para alcançarmos este desempenho montamos um planejamento estratégico – o PNT – feito por meio de contribuições de todo o setor, que traça a ação do ministério. Identificamos onde é preciso estímulo ou intervenção do poder público – da qualificação profissional à formatação do produto turístico. Das linhas de financiamento até a promoção do país no exterior.



RA – Como será feita a divulgação do turismo fora do Brasil?

MG – Com a criação do Ministério do Turismo, a Embratur ficou responsável, unicamente, pela promoção, marketing e apoio à comercialização no exterior do conjunto de produtos e serviços turísticos que o Brasil tem a oferecer. A Embratur vai criar e fixar a marca Brasil. Essa cara brasileira, representação da diversidade cultural única deste país, é o norte conceitual para a promoção dos nossos atrativos turísticos. Os mercados prioritários para promoção estão definidos: o primeiro é a América Latina, o segundo, são os países da Europa com os quais temos identidade cultural, que são Portugal, Espanha, França e Itália e, posteriormente, Inglaterra, Alemanha e Suíça. O terceiro, são os mercados norte-americano e asiático.

Muito já vem sendo feito. Cito dois exemplos: a Embratur acaba de lançar a “Agenda de Promoção Comercial do Turismo Brasileiro 2003/2004”, dobrando a participação do Brasil em feiras e em ações promocionais no exterior. E está trabalhando em conjunto com o Itamaraty e seus diplomatas. Isso significa ampliar nossas ações – antes restritas aos cinco comitês Visit Brasil existentes no exterior – para todos os países com que o Brasil mantém relações diplomáticas.

A promoção e o apoio à comercialização dos

“Precisamos divulgar o Brasil para o brasileiro. Mostrar nossa cultura, belezas naturais, festas, e incentivá-lo a conhecer toda essa maravilha...”

produtos turísticos brasileiros se darão a partir de diversas ações. Entre elas: participação em feiras internacionais de turismo (com a ampliação da agenda já existente, focando não somente em turismo de lazer,

mas também em turismo de negócios e eventos); realização e participação em promoções (parceria com empresas brasileiras em lançamentos de produtos e eventos); ações de oportunidade (participação em grandes eventos brasileiros no exterior, como oportunidade de promoção do turismo);

“Essa cara brasileira, representação da diversidade cultural única deste país, é o norte conceitual para a promoção dos nossos atrativos turísticos.”

captação e promoção de eventos; e promoção de eventos internacionais.

RA – O senhor afirmou que os adolescentes devem conhecer o Pantanal ou o Jalapão, em vez da Disney. Como promover o turismo interno?

MG – Isso mesmo. Precisamos divulgar o Brasil para o brasileiro. Mostrar nossa cultura, belezas naturais, festas, e incentivá-lo a conhecer toda essa maravilha. Muitas crianças conhecem a Disney, mas nunca visitaram, sequer, Brasília, a capital do país. Precisamos também aumentar os investimentos em infra-estrutura, o que está sendo feito em conjunto com os estados. Um exemplo é o parque temático do Beto Carrero, no Paraná, cuja estrada de acesso foi incluída no Prodetur. Mas ainda vamos ter que superar alguns problemas que dificultam o turismo interno, como a recuperação da malha asfáltica e a melhor distribuição dos vôos domésticos. Mas isso tudo já está encaminhado, inclusive em conjunto com os outros Ministérios.

RA – Em 2002 o país recebeu 3,8 milhões de turistas estrangeiros, muitos estimulados pelo tripé Sol, Mulher e Carnaval. É possível “vender” outro Brasil?

MG – Não só pode como já estamos fazendo. O Brasil é imenso. Tem montanhas, chapadas, pantanal, florestas, cavernas e uma diversidade cultural ímpar, que inclui culinária, danças, música. Possui um patrimônio histórico invejável. Nós não queremos que as pessoas deixem de visitar o país pelas nossas praias. Mas queremos mostrar que temos muito mais – o Brasil tem tudo, menos neve. Tem mata, tem aventura, desertos, cachoeiras, montanhas, grandes metrópoles e uma cultura única.

A Embratur está fazendo planejamento de marketing que vai contemplar essa nova visão.

RA – O senhor também aposta no turismo backpacker – os mochileiros. Como atraí-los?

MG – Os mochileiros representam um grupo de consumo muito expressivo no setor. Para você ter uma idéia, 600 mil deles saem da Alemanha para a Austrália todos os anos e deixam por lá cerca de um bilhão de Euros. Só que a Austrália fica a 20 horas de Frankfurt, enquanto o Brasil está a, apenas, 12 horas dessa cidade. Então, o que temos a fazer é atrair esses turistas para cá. A Embratur já está desenvolvendo um material promocional específico para esse público, com oferta de aventura, ecoturismo e informações da rede de albergues brasileiros. Também vamos participar de eventos internacionais backpackers. E o Ministério está propondo modificações na legislação para aumentar o tempo de permanência do “Brasil Air Pass”, que hoje é de 60 dias, já que os mochileiros costumam viajar de seis meses a um ano.

RA – Os turistas estrangeiros costumam se queixar da qualidade do serviço brasileiro, particularmente da dificuldade de comunicação em outra língua. O senhor aponta alguma saída?

MG – O Ministério está desenvolvendo um programa de qualificação dos profissionais seguindo os parâmetros do Sistema Brasileiro de Certificação e Qualificação. O objetivo é melhorar os serviços prestados nos vários segmentos do turismo. O programa está sendo desenvolvido em parceria com o Ministério da Educação e com o Ministério do Traba-

“Eu defendo que a expansão da malha aeroviária brasileira deve considerar o desenvolvimento do turismo.”

lho. Os cursos poderão ser à distância ou presencial, dependendo da atividade, e serão oferecidos pelo sistema S, Sebrae, ONGs, instituições de Ensino Superior e escolas técnicas. O Ministério vai distribuir apostilas, livros didáticos, vídeos e ferramentas mais adequadas para formar os alunos.

RA – Há financiamento para o setor? Vale a pena investir?

MG – Sim, o Ministério articulou várias linhas de financiamento que disponibilizaram R\$ 1,8 bilhão para o setor, só em 2003. São quatro linhas de financiamento – o PROGER Turismo-Investimento e Recebíveis, Fundos Constitucionais, BNDES e linhas da Caixa Econômica Federal – que podem ser utilizadas pelos mais diferentes segmentos, que vão desde os donos de restaurante até os grandes grupos de hotéis.

RA – Como o senhor vê a Aviação nacional e o seu papel para o alcance das grandes metas do turismo?

MG – Eu defendo que a expansão da malha aeroviária brasileira deve considerar o desenvolvimento do turismo. O Brasil possui uma grande frota e aeroportos, no entanto, apenas 116 municípios são atendidos pelas linhas aéreas. Num país de dimensões continentais como o Brasil, a Aviação Civil é essencial. A adequação no Marco Regulatório da Aviação Civil, no ano passado, pelo Conselho Nacional da Aviação Civil (CONAC), enfatizou o caráter estratégico do setor. Há uma abordagem integrada entre Transporte Aéreo, Indústria Aero-náutica, Controle do Espaço Aéreo e Infra-Estrutura Aeroportuária, e sua forte vinculação com a tecnologia, a formação de recursos humanos e o turismo.

Acredito que vamos alcançar um novo modelo, capaz de contribuir para a conquista das nossas metas, particularmente, aumentar para 65 milhões o número de desembarques domésticos e atrair nove milhões de turistas estrangeiros. ✈

“O Brasil possui uma grande frota e aeroportos, no entanto, apenas 116 municípios são atendidos pelas linhas aéreas.”



2º Ten. Av. JOHN RICHARDSON CORDEIRO E SILVA: UM BRASILEIRO QUE VIROU MONUMENTO NA ITÁLIA



Comune di Pianoro
Provincia di Bologna

*Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Rui Moreira Lima
Veterano do 1º Grupo de
Aviação de Caça na Itália*

No dia 6 de novembro de 2003, foi inaugurado em cerimônia oficial no município de Pianoro, na localidade de Livergnano, na Província de Bologna, um monumento honrando a memória do **2º Ten. Av. John Richardson Cordeiro e Silva**, o primeiro piloto da Força Aérea Brasileira morto em combate nos céus da Itália.

A iniciativa da homenagem nasceu na própria Prefeitura de Pianoro, sob a liderança da jovem chefe do executivo dessa Comuna – Sra. Simonetta Saliera – apoiada



*Monumento em memória do
2º Ten. Av. John Richardson*



*Embaixador
Itamar Franco
e Sra. Simonetta
Saliera
descerrando o
monumento*

pela Força Aérea Brasileira, na pessoa do Adido Aeronáutico na Itália – Cel. Av. Odil Martuchelli Ferreira – e pela Secretaria de Cultura de Bologna – Sr. Marco Marcciantelli.

Foram convidados para a cerimônia: o irmão do homenageado – Sr. Harlie Cordeiro e Silva – residente nos EUA, os oito pilotos sobreviventes do Senta a Pua! – e mais de cinco dezenas de veteranos do apoio, em sua maioria sargentos e praças, que nunca deixaram de manter o 1º Grupo de Aviação de Caça no topo da operacionalidade entre as Unidades Aliadas sediadas nas Bases Aéreas de Tarquínia e Pisa.

Dos convidados – por motivo logístico – compareceram apenas cinco veteranos: dois pilotos –



eu e o 1º Ten. Av. Hélio Carlos Cox – e os ex-sargentos, hoje oficiais na reserva, Maj. Mec. João Rodrigues Filho e os Tenentes de Armamento e Comunicações Newton Alves Leite e David Rosal Gabriel. Acompanharam-nos, como representantes do Comandante da Aeronáutica, o Brigadeiro Raul Dias, seu assistente Ten.-Cel. Av. Paulo Érico – atual Comandante do 1º Grupo de Caça – e o Maj. Médico Marco de Marco, responsável pela saúde dos veteranos.

Dentro do possível, o Comandante da Aeronáutica fez o que lhe permitiu a disponibilidade, transportando-nos em um C-130 Hércules que realiza, quando necessário, o voo logístico da FAB na Europa. Durante as 42 horas do voo de ida e volta, com paradas técnicas em Recife e Las Palmas, gozamos do conforto de dez cadeiras reversíveis, instaladas junto à carga, uma comissaria com três refeições quentes, um W.C. portátil e a atenção e o carinho de uma tripulação de dez profissionais do transporte da FAB, todos habilitados para operar civil e militarmente esse tipo de aeronave, veterano turboélice, que ainda equipa várias Unidades da USAF e de mais de duas dezenas de Forças Aéreas de outras nações.

Orgulhosos, cumprimos a missão honrosa em

Pianoro. A cerimônia foi dividida entre a sede da Prefeitura e o campo aberto em Livergnano, localizado na Cordilheira dos Apeninos. O Monumento ao **Tenente Cordeiro** foi erigido junto ao do *Soldado Aliado*, no local de onde partiram os Aliados em 4 de abril de 1945, para desalojar os alemães da Linha Gótica, expulsando-os em seguida do Vale do Pó.

Nosso Monumento foi construído em mármore branco, tendo um pouco mais de *um metro* de altura, destacando-se em cores os emblemas do 1º Grupo de Aviação de Caça (1º G.Av.Ca.) – *O Senta a Pua!* – e o da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) – *O Olho Nele!* – pequena Unidade da FAB que atuou subordinada operacionalmente à Artilharia Divisionária da FEB – Força Expedicionária Brasileira.

Como convidado de honra, compareceu o Embaixador Itamar Franco, valorizando o ato como a maior autoridade brasileira presente.

A abertura constou de uma perfeita execução do Hino Nacional do Brasil, por uma banda local, sendo a Bandeira Nacional hasteada no Monumento por três militares: suboficiais e subtenentes do Ministério da Defesa. Em seguida o Monumento foi descerrado pela Prefeita, o nos-

Brigadeiro Rui, Embaixador Itamar Franco e Sra. Siminetta Saliera





*Maj.-Brig.-do-Ar Rui Moreira
Lima doa seu livro à
Sra. Simonetta Saliera em
cerimônia realizada na
Prefeitura de Pianoro*



so Embaixador e o Harlie, irmão do Cordeiro.

Discursaram a Sra. Simonetta Saliera – discurso escrito condenando o nazismo e exaltando a FAB na pessoa do **Cordeiro**; o Sr. Marco Marcciantelli, que falou de improviso, exaltando a FEB e a FAB como elementos destacados na vitória contra o nazismo; o Cel. Av. Odil Martuchelli Ferreira, em vibrante oração escrita agradecendo a homenagem ao nosso herói, cabendo a mim encerrar a cerimônia, falando de improviso em português, sob forte emoção. Enfatizei em minha fala a grandeza daquele momento, comparando o evento a um outro acontecido em Tarquínia, em 2 de maio de 1995, quando naquela Base comemoramos os cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial no Teatro de Operações do Mediterrâneo.

Vivendo fortíssima emoção, como disse anteriormente, contei-lhes que na Base Aérea de Tarquínia – 50 anos depois – recebemos do povo daquela cidade, além das palavras elogiosas e eloqüentes do Prefeito e de três religiosos – rabino, luterano e católico – uma demonstração aérea. Esperávamos todos – 83 americanos e 85 brasileiros – que nos fosse apresentado um time de acrobacias da Força Aérea Italiana ou mesmo uma demonstração de tiro e bombardeio. Nada disso – de repente surgiram 12 aeronaves ultraleve – tipo *Demoiselle*, o segundo avião inventado e construído por Santos-Dumont – a uns 20 metros de altura e a uma velocidade de mais ou menos 20 km/h, bom-

bardeando seus visitantes com pétalas de rosas. Mas não parou aí aquele requinte de ternura e de civilidade do bom povo italiano; poucos minutos depois retornaram quatro *Demoiselles* daquele Esquadrão, desta feita um pouco mais alto, lançando de pára-quedas quatro bonecos com uniforme de pilotos, cada um deles segurando uma faixa de cartolina de 70 cm x 10 cm, onde se lia o nome do **Cordeiro** e a data de sua morte: 6 de novembro de 1944 – esse mesmo **Cordeiro** que estamos homenageando agora – o nome do **Oldegard**, falecido em 7 de novembro de 1944, e mais duas com os nomes do **Waldir**, 16 de novembro de 1944 e **Rittmeister**, 16 de novembro de 1944, todos mortos naquelas datas, durante o tempo em que estivemos acampados em Tarquínia (7 de outubro de 1944 a 28 de novembro de 1944).

Sinceramente, cidadãos de Livergnano, Pianoro, Bologna e de toda a Nação italiana, como agora minha voz está embargada, sob a emoção destas lágrimas, recebam o muito obrigado em meu nome e de meus camaradas do 1º Grupo de Aviação de Caça, da 1ª ELO, da Aeronáutica do Brasil e do Povo brasileiro.



Depois da minha fala, o Ten. Av. Cox colocou uma Coroa de Louros ao pé do Monumento, quando sob os acordes do Hino Nacional da Itália foi encerrada a cerimônia. Ao nos dirigirmos a Pianoro, a população da cidade nos ofereceu um almoço à moda da tradição italiana: muitas famílias locais trouxeram pratos típicos da região toscana, com sobremesas, acompanhadas de vinhos caseiros.

Considero um privilégio, aos 84 anos de idade, haver cumprido tão honrosa missão chefiando irmãos de guerra que comigo lutaram voluntariamente contra o nazi-fascismo durante a Segunda Guerra Mundial, em defesa da democracia e da soberania do Brasil. ✈

TRIPULAÇÃO DO C-130

Ten.-Cel. Siqueira

Maj. Crivelli

Cap. Carlos Alberto

Cap. Mourão

Flight – SO Ruceman

2S Sacramento

Rádio – SO José Renato

SO Barbosa

LM – 2S Azarias

Comissário – 2S Azevedo



FORÇA AÉREA BRASILEIRA

*Em memória do 2º Tenente
Aviador JOHN RICHARD
CORDEIRO E SILVA,
primeiro piloto brasileiro
morto em combate durante
a Segunda Guerra Mundial,
no dia 6 de novembro de 1944,
e de todos os integrantes
da Força Aérea Brasileira
que aqui lutaram por um
mundo livre e mais justo.
O sacrifício deles não deve
ser esquecido.*

*In memoria del 2º Tenete Pilota
JOHN RICHARD CORDEIRO
E SILVA, primo pilota brasiliano
caduto in battaglia durante la
Seconda Guerra Mondiale, 6
noviembre 1944, e de tutti il
membri della Forza Aerea
Braziliane che ael combattete per
um mundo libero e piu giuste.
Il fore sacrificio aos deve essere
dimenticato.*

LIVERGNANO, 9 NOVEMBRE 2003

COMUNE DI PIANORO

OFFICIO DIFESA E AERONAUTICO
DEL BRASILE IN ITALIA



Um pouco de História sobre as Contradições do Marxismo

Carlos Ilich Santos Azambuja
Historiador

“Nem todos os membros da esquerda subscrevem as palavras de Danielle Mitterrand: ‘Cuba representa a síntese do que o socialismo pode realizar’, frase que constitui a mais arrasadora condenação do socialismo jamais proferida.”

(Jean-François Revel, em
A Grande Parada, 2001)

Uma das manifestações mais visíveis da vassalagem explícita de todos os partidos comunistas do mundo a Stalin foi a adoção da tática das *Frentes Populares*, que significava uma aliança de partidos comunistas, socialistas e democrático-burgueses contra o fascismo, sancionada oficialmente pelo 7º Congresso do *Komintern*, em julho de 1935.

Em Cuba, todavia, como o PC – então denominado *Partido Socialista Popular (PSP)* – não conseguiu encontrar aliados social-democratas, liberais ou democratas, acabou apoiando o ditador Fulgêncio Batista:

“O Coronel Batista tornou-se um elemento importante da frente de forças progressistas (...) A reação e o fascismo unem suas forças e urdem planos desesperados para derrubar Batista.” (Resolução Política do III Congresso do PSP, jan. 1939)

O Chile foi o único país da América Latina em que se tornou possível uma aliança desse tipo. Ali o PC, o PS e o *Partido Radical* uniram-se sob a hegemonia deste último, possibilitando, em 1938, que Aguirre Cerda, líder da sua ala direita, fosse ungido candidato à presidência e eleito presidente. Isso em detrimento de Marmaduke Gro-

ve, membro do PS, que havia liderado uma efêmera *República Socialista*, instalada no Chile durante 12 dias, por um levante militar, em 1932.

Mais tarde, em 1952, quando o PC e uma ala do PS finalmente se uniram de fato, o candidato de ambos, o socialista Salvador Allende, obteve apenas 6% dos votos, só vindo a ser eleito presidente do Chile em 1970, quando se candidatou pela terceira vez.

Algumas declarações de um dos líderes do PC Argentino, Gonzalez Alberdi, ilustram os ziguezagues da “doutrina científica”. Escreveu ele, em 1933, a respeito do presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt:

“Em Cuba, o poderoso movimento revolucionário das massas mostrou que Roosevelt é tão imperialista quanto Hoover.”

“Em Cuba, o poderoso movimento revolucionário das massas mostrou que Roosevelt é tão imperialista quanto Hoover.” (Informaciones, out. de 1933)

Mais tarde, em 1938, já sob a tática da *Frente Popular* ditada pelo *Komintern*, Gonzalez Alberdi escreveria que “as tentativas ítalo-nazistas de promover o antiimperialismo contra os ianques fracassaram. As nações do continente compreenderam que a colaboração estreita com Roosevelt, que não pode ser considerado um representante das forças imperialistas do Norte, não diminui a autonomia de cada país e nem

afeta a dignidade individual". (*Orientación*, 15 dez. 1938)

Mais adiante, em 1940, depois do *Pacto Molotov-Ribbentrop*, Alberdi mudou de opinião mais uma vez e escreveu:

"Em nome da luta contra o nazismo, o imperialismo ianque conspira contra as liberdades públicas das nações americanas." (*La Hora*, 14 jul. 1940)

Após junho de 1941, no entanto, quando da invasão da Rússia pela Alemanha e no contexto de uma aliança entre EUA e URSS, as análises voltariam a mudar. Então, qualquer propaganda contra o *"imperialismo norte-americano"* passou a ser duramente criticada pelos partidos comunistas como *"uma manobra a serviço do fascismo"* e os críticos passaram a ser tachados de trotskistas. *La Voz de México*, de 13 de maio de 1945, por exemplo, criticou a *"demagogia antiimperialista dos trotskistas"* e assinalou que *"o esmagamento dos répteis trotskistas deve ser uma tarefa dos antifascistas"*.

Desde essa época, denunciados como *"provocadores"* e *"agentes do fascismo"* pelos partidos comunistas, empurrados para as margens do movimento operário e internamente divididos em tendências e frações por lutas internas, os trotskistas ficaram e permanecem, até hoje, reduzidos a seitas compostas,

em sua maioria, por intelectuais.

Em Cuba, embora Fulgêncio Batista tenha assumido o governo pela segunda vez, em 1952, por um golpe militar, o *Partido*

"...qualquer propaganda contra o 'imperialismo norte-americano' passou a ser duramente criticada pelos partidos comunistas..."

do Socialista Popular foi mantido na legalidade, e seu diário, *Hoy*, continuou a sair. O ataque ao *Quartel Moncada*, em 26 de julho de 1953, do qual participou Fidel Castro, foi denunciado pelo PSP como *"uma tentativa golpista, uma forma desesperada de aventureirismo típico dos círculos pequeno-burgueses sem princípios e envolvidos em gangsterismo."* (*Carta do Comitê Executivo do PSP aos Militantes*, 30 ago. 1953)

Apenas seis meses após o desembarque, em 1956, em Cuba, dos integrantes do *Movimento 26 de*

Julho, sob a liderança de Fidel Castro, a direção do PSP voltou a manifestar-se:

"É importante reafirmar que hoje, assim como ontem, rejeitamos e condenamos, e continuaremos a rejeitar e a condenar métodos terroristas e golpistas como ineficazes, prejudiciais e contrários aos interesses do povo." (revista *Fundamentos*, jun. 1957)

Somente em 1958 alguns líderes e militantes do PSP se integrariam ao *Movimento 26 de Julho*, contribuindo para o triunfo da guerrilha em 1959. Todavia, Blas Roca, Secretário-Geral do PSP, em 1960, após a guerrilha ter tomado o Poder, ainda escrevia:

"Dentro dos limites a serem estabelecidos, é necessário garantir os lucros das empresas privadas, o seu funcionamento e desenvolvimento normais." (*Balanço do Trabalho do Partido desde a última Assembléia Nacional e o Desenvolvimento da Revolução*, Havana, 1960)

Atualmente, Wladimiro Roca, filho de Blas Roca, é um dissidente do regime cubano.

Após a morte de Stalin, em 1953, e o famoso discurso de Krushev, em fevereiro de 1956, no XX Congresso do PCUS, denunciando os crimes de Stalin, foi inaugurada uma nova era para o comunismo na América Latina. Seguindo, como sempre, a orientação do *PC soviético*, que passou a defender uma política de *"coexistência pacífica"*, os partidos comunistas latino-americanos passaram a apoiar governos capitalistas considerados progressistas, como os de Juscelino Kubitschek e João Goulart, no Brasil.

Logo o *Partido Comunista Brasileiro* buscou um fundamento teórico para essa nova linha política:

"A contradição entre o proletariado e a burguesia não exige uma solução radical na presente etapa. Nas presentes condições do país, o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo o povo (...) O proletariado e a burguesia se aliam em torno do objetivo comum de lutar por um desenvolvimento independente e progressista contra o imperialismo norte-americano." (*Declaração Política do Comitê Central*, Rio de Janeiro, mar. 1958)

A partir da Revolução Cubana, frente à nova tática posta em prática pelo *Movimento 26 de Julho*, baseada nos escritos de Che Guevara e Régis Debray, que



“Nenhum partido comunista do mundo fez, jamais, uma autocrítica desses erros e dessas contradições.”

generalizaram para toda a América Latina determinadas lições da Revolução Cubana – a principal delas a chamada *Teoria do Foco Guerrilheiro* – iniciou-se um novo período revolucionário, classificado de *Castrismo* ou *Fidelismo*, fazendo com que os ortodoxos partidos comunistas do continente entrassem em queda livre devido à sangria de militantes que, cada vez mais, optavam pela luta armada imediata.

Nesse sentido, o documento conhecido como a *2ª Declaração de Havana*, em 1962, desempenhou um papel fundamental, assinalando que “o dever de todo revolucionário é fazer a revolução. Sabemos que a revolução será vitoriosa na América e no mundo, mas é indigno de um revolucionário sentar-se à porta de sua casa e esperar que passe o cadáver do imperialismo”.

A vassalagem, no entanto, continuou. Agora ao Estado cubano, conforme relatou Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz (*Clemente*), que foi o último dos comandantes da *Ação Libertadora Nacional (ALN)* durante os anos de luta armada. Em seu livro *Nas Trilhas da ALN*, teceu críticas à interferência dos cubanos na luta armada no Brasil, causadora de inúmeras mortes de militantes e referiu-se às “*evidentes contradições entre o real e a versão divulgada América Latina afora*”, assinalando que “o poder socialista instituiu a censura, impediu a livre circulação de idéias e impôs a versão oficial sobre a Revolução cubana”.

Em tudo isso, não foi a monumental ignorância da “*doutrina científica*” que esteve na origem dos erros e contradições da Esquerda, mas ela própria. Todavia, como o Partido (assim com inicial maiúscula) jamais erra, pois a doutrina é *científica*, a culpa nunca foi creditada à linha política, mas à sua má aplicação pelos militantes.

Nenhum partido comunista do mundo fez, jamais, uma autocrítica desses erros e dessas contradições. É como se não tivessem ocorrido. ✈



Quem ama protege!

PROSEG
ADMINISTRADORA E
CORRETORA DE
SEGUROS

- Ótimos preços
- Vários planos e prazos de pagamento
- As melhores seguradoras do País
- Assistência 24 horas em todo território nacional

FUNDAÇÃO
HABITACIONAL
DO EXÉRCITO
www.fhe.org.br

POUPEX
Associação de Poupança e Empréstimo
www.poupex.com.br

ESCRITÓRIO DA FHE - SEDE - BRASILIA-DF - ESSE

Edifício dos Ministérios - Bloco "D" - Anexo I - Estreito - Térreo - S. 100
78053-990 - Brasília-DF - Fone (61) 314.7539 E 314.7548 - FAX (61) 314-7664

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO RIO DE JANEIRO - ESERJ

Pedro Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni - 2º Andar - Centro - 20221-200
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 2253.8295 e 2253.8182 - Fone e Fax (21) 2253.8860

A INFLUÊNCIA DO REDUCCIONISMO

Ou estudo ou trabalho! Diante de tal exclamação de seus filhos, muitos pais se deparam com o que a filosofia chama de dilema. Entende-se por dilema o silogismo em que a maior premissa é capaz de refutar o adversário em qualquer opção que faça. Neste exemplo simples, o pai deve apoiar-se na lógica para resolver a questão, procurando outra solução além das duas alternativas apresentadas. Ele, então, diria ao filho: você pode estudar e trabalhar ao mesmo tempo, pois as alternativas se podem conjugar sem ferir o curso lógico da vida.

No mundo atual, encontramos um dilema de gravidade considerável: a oscilação entre o reduccionismo e o fundamentalismo religioso, cujas consequências afetam diretamente as artes.

A constatação da presença universal do fenômeno religioso leva o pensador francês Henri Bergson a afirmar que “se encontram no passado, e se encontram até hoje sociedades humanas que não possuem ciência, nem artes, nem filosofia. Mas nunca existiu sociedade sem religião”. Dentro deste contexto, por volta de 1270, no decurso de uma controvérsia em que os defensores da *fé única* tinham levantado o problema de saber se a especulação teológica não se arriscaria a comprometer a simplicidade evangélica, Santo Tomás de Aquino (1225-1323) responderia: “se resolvermos os problemas da fé pela via única da autoridade, possuiremos sem dúvida alguma verdade, mas numa mente vazia”. Com efeito, Santo Tomás estabelece uma intrínseca relação entre as duas ordens, de tal modo que a filosofia serve tanto melhor à teologia quanto mais rigorosamente filosófica ela for, e a teologia revela tanto melhor o caráter sobrenatural da fé quanto mais respeitar a luz natural da razão. Deste modo, o fundamentalismo religioso propicia situações conflituosas ao afastar-se da razão. Isto é observado em diversas regiões do planeta nas quais a fé é, por vezes, posta a serviço de interesses pessoais, raciais e nacionais.

A influência do fundamentalismo na arte apresenta sinais característicos como, por exemplo, separar a sensibilidade artística da razão, gerando o conceito de expressão artística. Isto equivale a dizer que o artista faz sair de si a pintura, assim como se extrai do limão o suco. Por compressão, ao se afirmar que o artista se exprime, se profere, confusamente se joga com várias hipóteses indistintas, possibilitando-nos afirmar que o artista, nestas condições, se torna um chafariz de emoções. É estranho, no entanto, supor o artista longe da razão, da tradição pictórica e da técnica para que possa eficazmente captar a beleza contida na realidade.

Quanto ao reduccionismo, localizamos seu avanço a partir do início da filosofia moderna com René Descartes (1569-1650). Neste momento, a filosofia afasta-se da questão do *Ser* para direcionar seus interesses à ciência, à política e aos demais assuntos de ordem prática. Surgem, daí, diversas correntes inter-relacionadas: racionalismo, empirismo, criticismo, idealismo, positivismo, existencialismo, pragmatismo, fenomenologia, humanismo ateu, estruturalismo. Estas vertentes filosóficas e antropológicas influenciaram e proporcio-





E DO FUNDAMENTALISMO NA ARTE

Araken Hipólito da Costa
Cel. Av. R1



onaram o desenvolvimento de diversos sistemas ideológicos, tais como: iluminismo, liberalismo, socialismo, comunismo, nazismo, totalitarismo. Todos eles representam etapas de desligamento da civilização de suas raízes sobrenaturais e, portanto, da transmutação da civilização cristã – na qual

os valores espirituais e teológicos têm o primado – em civilização técnica, cujo primado pertence aos valores econômicos e pragmáticos.

A arte foi consideravelmente afetada, pois esta abandonou o transcendente para se ligar ao imanente. A transformação da idéia de juízo de valor absoluto para a idéia de juízo relativo, desencadeou um gravíssimo *relativismo*, gerando um *vale-tudo* nas artes. Conseqüentemente, a arte assumiu um caráter social, ideológico, engajado, tentando atingir o público pela contestação, ação prática, agressividade e, até mesmo, pelo choque em relação ao grotesco.

O dilema da modernidade alterna-se entre ideologias que reduzem a vida a questões meramente político-econômicas e fundamentalismos, que limitam a existência à autoridade da fé. Para responder a este dilema, devemos partir da lucidez, uma das maiores virtudes do homem, pois permite, no caos, encontrar o equilíbrio na fé, na razão e na sensibilidade, para encontrar os fundamentos e valores capazes de dotar de sentido a existência.

Assim, colaborando substancialmente para a obtenção desta resposta, a arte, que desde a auro-ra da Humanidade produziu enormes obras, todos os templos, todos os quadros, todos os poemas, todas as sinfonias, numa gigantesca atividade, plasmou bens espirituais e organizou o cenário humano. Portanto, a arte não é um sonho, mas, sobretudo, o instrumento que constrói um ordenamento concreto na beleza, um mundo mais amistoso ao homem e contribui para guiar a instauração de um futuro melhor. ✈

ALCÂNTARA

antes e...

*Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Lauro Ney Menezes*

**“...parece
que uma
revisão do
ANTES é
justificável; e
uma visão do
APÓS,
inexorável...”**

O acidente ocorrido no Centro de Lançamento de Alcântara, que destruiu o Veículo Lançador (VLS), seus Satélites e a estrutura física de suporte do artefato,

trouxe à baila um grande número de questões e lançou dúvidas e críticas quanto à oportunidade e à validade do Programa Espacial Brasileiro. Além disso, despertou a curiosidade dos observadores e analistas especializados.

Por essas razões, parece que uma revisão do ANTES é justificável; e uma visão do APÓS, inexorável...

O ANTES passa por uma análise conjuntural: a Astronáutica, uma atividade que ultrapassou sua fase de adolescência (o Sputnik soviético e o pouso americano na lua ocorreram neste último meio século), penetra em uma nova fase em todo o mundo.

Nada mais de espetacular há no lançamento de artefatos ao espaço, quer sejam de pequena ou grande duração, tripulados ou não. O homem da rua já se acostumou à idéia de ver a atmosfera habitada por veículos produzidos pela engenhosidade dos cientistas e pela qualidade industrial dos produtos de aplicação espacial. Nem mesmo os jornais dedicam manchetes aos eventos espaciais e nada mais de noticiável há na antiga competição Rússia x Estados Unidos que, na realidade, aparenta estar adormecida.

d



É que esta nova fase da Astronáutica abandonou os laboratórios e departamentos de projetos. Invadiu o processo industrial que, hoje, já se empenhou na produção em série de engenhos destinados às Telecomunicações, ao Controle ambiental, à Genética, à Medicina, à Farmacêutica, à Meteorologia, à Navegação, à Metalurgia, ao Sensoriamento remoto e, até mesmo, à Espionagem...

É a fase *comercial*, em que o produto espacial passa a ser o objeto das atenções dos investidores, dos banqueiros, dos financeiros, dos homens de negócios, e não só dos cientistas. É um novíssimo ramo de atividade, cujos retornos financeiros justificam plenamente uma estruturação de caráter operacional/comercial, e que já alcançou a estimativa de bilhões de dólares na sua carteira de negócios.

Após a aprovação do Programa *Space Shuttle*, a NASA fez diversos lançamentos transportando cargas úteis de caráter comercial. Da mesma forma, na Europa, uma associação de interesses, países e tecnologias organizou a *European Space Agency* (ESA), que comercializa os lançamentos do ARIANE. São, portanto, estruturas nascidas no seio das próprias organizações de Governo, cuja tarefa era, inicialmente, pesquisar e desenvol-

ver artefatos e veículos espaciais; organizações cujas atividades não previam lucros ou benefícios, e cuja missão era (e é) desenvolver tecnologias e, após, transferi-las para a área de aplicação de interesse da comunidade.

A NASA, organismo governamental americano, além de seus programas de caráter científico, vem sendo pressionada para ceder espaço a bordo dos vetores por ela lançados (ou a alugar suas instalações) para que entidades privadas, recém-organizadas, prestem *serviços espaciais*.

Além disso, diversas sociedades privadas americanas surgiram para, além de desenvolver lançadores e veículos, se ocuparem de lançamentos em proveito de clientes diversos. Entre elas estão a *Space Services Inc.*, a *Satellite Propulsion Inc.*, a *America Science*

and Technology, a *Transpace Courier* e outras.

Principalmente nos Estados Unidos (e em breve na Europa), a atitude dos Governos para tais iniciativas é a de *complacência compreensiva* (e interessada). Longe de dificultar ou vetar, o Governo americano vem adotando uma atitude de *bom comerciante: fecha os olhos* e apóia todas as iniciativas que visem rentabilizar os investimentos (enormes) já feitos. Mesmo tendo sido feito a *fundo perdido*, sem intenção de retorno para o próprio Governo! E, mais ainda, o maior cliente para essa prestação de serviços espaciais é o *próprio Governo americano*, que pretende ainda pagar por todos os serviços que contratar nessas empresas privadas.

Recentemente, várias publicações especializadas abordaram extensivamente a constituição de um conglomerado de empresas americanas que se especializaram na avaliação das possibilidades comerciais e industriais, objetivando detectar as oportunidades para a prestação de serviços espaciais. Na área de competência, a quantidade e a diversificação desses empreendimentos são de tal ordem que impressionaram profundamente os observadores e analistas. E mais ainda: a maneira rápida com que ocorre a captação de recursos financeiros, vindos da área privada com o fim de viabilizar esses empreendimentos, criou a certeza de que o ESPAÇO não é mais uma história do *Dr. Spock*: tornou-se realidade.

“...o ESPAÇO não é mais uma história do Dr. Spock: tornou-se realidade.”

O Programa Espacial Brasileiro já maturou o suficiente para colocar-se na posição de partida para essa nova e tentadora fase comercial, à qual o mundo adentrou. O próprio Governo Federal tem se posicionado a respeito da *imperiosa necessidade* de conduzir o Programa, de tal forma que o Centro de Lançamento de Alcântara venha a render *dividendos* sobre os milhões de dólares lá investidos nestes últimos 20 anos. E, dizem, ainda faltam investir mais US\$ 400 milhões!

Para um observador atento, cabem questões: o Programa Espacial Brasileiro é somente encargo da Aeronáutica ou do Governo como um todo? O Centro de Lançamento de Alcântara é um sítio militar? Se o for, como colocá-lo à disposição dos empreendimentos privados nacionais ou estrangeiros? A multiplicidade de órgãos envolvidos no Programa e subordinados a diversos Ministérios não terá criado um *nó anticomercial* em torno da cessão de uso de Alcântara?

E, final e principalmente: uma *gestão unificada* contribuirá para reduzir custos, agilizar decisões e eliminar riscos? 

epois...

Sistema

OmniSat

Geraldo Carmo de Assis
Cel.Int.

No ano de 1997, o DARJ deu um grande salto em apoio à logística do Comando da Aeronáutica. Tornou-se a única Unidade Operacional de Transporte Terrestre da Força, passando a ser responsável pelo recebimento, triagem e distribuição de todo material adquirido no exterior e destinado às diversas Organizações do Comando da Aeronáutica. Com isso, o DARJ passou a distribuir quase a totalidade do material aeronáutico, cobrindo aproximadamente 80% do território nacional.

NECESSIDADE

Surgiu então a necessidade de melhorar a comunicação entre a Divisão de Transporte e seus militares em viagens, pois os contatos eram feitos somente via telefone, à noite, com o oficial de permanência, ocasião em que lhe eram comunicados a a localização e a situação da viatura.

Foi oferecido, na mesma época, ao então Diretor do DARJ, Cel Int. Luís Carlos Barreto, um sistema de comunicações, via satélite, que nos possibilitaria a

comunicação direta com os motoristas em viagens.

A adoção do sistema possibilitou, além de uma comunicação eficiente e rápida, maior segurança e apoio às Unidades do Comando da Aeronáutica.

O SISTEMA OMNISAT

Como funciona

O Sistema de Comunicação OmniSat é um sistema de comunicações bidirecional, via satélite, que permite enviar e receber mensagens de texto entre um operador de tráfego da empresa e os terminais móveis instalados nos veículos da frota, além de permitir também a determinação da localização exata de qualquer um deles. Pode-se manter contato bidirecional com os veículos e motoristas 24 horas





por dia, em qualquer lugar do Brasil e do Mercosul.

O Sistema é formado por quatro componentes principais, que são:

- Terminal de comunicação móvel (MCT), que está instalado nos veículos;
- Gerenciador de Recursos da Rede, que está localizado na Autotrac-Brasília-DF;
- Microcomputador com o software QTRCS, que se encontra na sala de operações da Divisão de Transporte;
- Satélite BrasilSAT B2, que está a 36.000 km de distância sobre o Equador, a 65° de longitude oeste.

MCT (*Mobile Communication Terminal* – Terminal de Comunicação Móvel)

O MCT consiste de Caixa Preta, Antena e Teclado.



Por ter sido desenvolvido com especificações militares, o *hardware* embarcado nos veículos é bastante robusto, permitindo seu uso em situações extremas sem perda de desempenho. Em vir-

tude de realizar a comunicação via satélite, acidentes geográficos, como cadeias de montanhas ou florestas, não causam qualquer tipo de interrupção na comunicação, bem como não há a ocorrência de interferências de sinal, ruídos ou áreas de sombra.

Na outra ponta, a base de operações (Sala de Projeção e Controle) do DARJ é equipada com o *software* QTRACS BR, responsável pelo gerenciamento das atividades de monitoramento, rastreamento e comunicação da empresa com o(s) veículo(s). O *software* traz toda a *expertise* logística e de gerenciamento de risco.

AUTOTRAC-BRASÍLIA-DF **Tecnologia CDMA**

A tecnologia chave para o funcionamento do Sistema OmniSat recebe o nome de CDMA, ou Tecnologia Digital de Acesso Múltiplo por Divisão de Código (*Code Division Multiple Access*). Criada pela QUALCOMM Incorporated, esta tecnologia revolucionou o curso da História das Comunicações sem fio. Afinal, o CDMA é a base do desenvolvimento de toda uma nova geração de produtos e serviços digitais.

Através da tecnologia CDMA, é possível enviar



uma quantidade enorme de dados em um tempo muito menor. Esta característica na transmissão de dados – aliada às questões de sigilo e confiabilidade – garante a qualidade de comunicação para todos os usuários do Sistema OmniSat no Brasil e no mundo.

Satélite BrasilSAT

Para garantir a plena funcionalidade de sua operação, a Autotrac possui um canal exclusivo no satélite de comunicação BrasilSAT. É através deste canal ou *transponder* que todas as mensagens do Sistema OmniSat são transmitidas, o que garante o diferencial do Sistema em performance, velocidade e extensão da área de cobertura.



A utilização deste *transponder* exclusivo no satélite BrasilSAT agrega uma série de vantagens para os usuários finais do Sistema:

- Transmissão e recebimento de informações em tempo real;
- Uso exclusivo dos clientes da Autotrac, não concorrendo com transmissões ou sinais de outras empresas e/ou fontes;
- Sigilo total e segurança das informações transmitidas;
- Extensa área de cobertura satelital (toda a América do Sul);
- Ausência de interferências e/ou de possíveis dificuldades de comunicação causadas devido à presença de acidentes geográficos (montanhas, florestas), condições climáticas adversas (mau tempo, tempestades), áreas de sombras e ruídos.

GPS

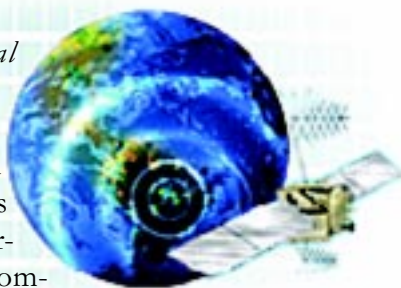
O GPS (*Global Positioning System* – Sistema de Posicionamento Global) foi desenvolvido pelas Forças Armadas norte-americanas e é composto por um conjunto de 24 satélites que percorrem a órbita da Terra a cada 12 horas. Este sistema permite que, através de dispositivos eletrônicos chamados *GPS Receivers* (Receptores GPS), os sinais de satélites em posicionamento possam ser convertidos, permitindo assim a localização geográfica de qualquer objeto no globo terrestre com uma precisão em torno de 10 metros.

O posicionamento dos veículos monitorados com o Sistema OmniSAT é obtido através de um *GPS Receiver* (Receptor GPS), parte integrante do *hardware* embarcado, que realiza a captura e conversão dos sinais emitidos pelos satélites GPS. Através do *software* QTRACS BR, desenvolvido pela Autotrac, o cliente pode visualizar e localizar seus veículos em mapas digitalizados de todo o continente sul-americano.

OBC

Desenvolvido pela Autotrac, o Computador de Bordo (OBC) é um equipamento voltado para as aplicações de segurança do Sistema OmniSAT, utilizado principalmente por empresas que necessitam de poderosas ferramentas de gerenciamento de risco. O OBC está conectado a uma série de sensores e atuadores que informam, em tempo real, o *status* do veículo e de alguns dos seus componentes como porta (aberta/fechada), carreta (engatada/desengatada), motor (ligado/desligado), temperatura do baú, dentre outros.

Além de notificar sobre um determinado *status*, o OBC permite que o cliente atue apenas nas exceções. Os atuadores podem ser programados para entrar em ação caso algum dos sensores instalados venham a informar qualquer alteração dos parâmetros preestabelecidos, como por exemplo: velocidade máxima excedida, portas do baú abertas sem autori-



zação do operador na empresa, variações de temperatura indesejáveis etc. Ainda é possível estabelecer combinações entre todos os sensores disponíveis e seus respectivos estados (violado/não violado), propiciando total flexibilidade na aplicação do produto para gerenciamento de risco. Dentre as medidas passíveis de serem tomadas pelo OBC encontram-se: bloqueio do motor, corte do combustível, acionamento de sirenes e setas, envio automático de mensagens de emergência para o computador do cliente, imobilização da carreta etc.

Sensores

Os sensores são os equipamentos responsáveis pelo monitoramento constante do veículo, registrando todas as variações de *status* que vierem a ocorrer durante o percurso, comunicando o OBC sobre as ocorrências não programadas. Em caso de qualquer tentativa de violação destes parâmetros, o operador na base de operações é imediatamente avisado, tomando as medidas cabíveis.

– Sensor de ignição

Informa variações do estado da ignição.

– Sensor de velocidade

Mede as variações de velocidade durante o percurso. No caso de excesso de velocidade, pode imediatamente ativar um atuador e/ou comunicar a central do cliente. É configurável.

– Sensor de violação do sistema

Detecta imediatamente qualquer tentativa de violação do sistema, acionando uma série de atuadores contra eventuais sinistros. É ativado sem necessidade de intervenção do motorista ou da base de operações do cliente.

– Chave de portas

Aciona o travamento e o destravamento das portas do baú.

– Sensor de porta do baú

Detecta a abertura não autorizada da porta do baú.





– *Sensor de desengate de carreta*

Informa quando a carreta é desengatada do veículo de forma não autorizada. Pode automaticamente ativar alarmes, sirenes, imobilizar a carreta e até bloquear o veículo.

Atuadores

Os atuadores são os mecanismos que interferem diretamente no funcionamento do veículo. Podem ser ativados pelo Sistema, automaticamente, através do OBC ou pelo operador na empresa, sempre que acontecer um evento que não estava programado. Vários atuadores estão disponíveis no OBC, podendo outras aplicações serem desenvolvidas a partir de novas demandas.

– *Bloqueio do veículo*

Bloqueia o veículo de forma definitiva (até que o operador cancele o comando) ou por um determinado período de tempo.

– *Trava do baú*

Trava as portas do baú do veículo, podendo ser ativada ou não a partir da base de operações do cliente.

– *Sirene*

Ativa as sirenes do veículo.

– *Imobilizador de veículo*

Imobiliza a carreta, não permitindo que outro cavalo mecânico não autorizado faça o engate da carreta e siga fazendo o transporte. Também pode ser utilizado como mais uma alternativa de segurança em caminhões *truck*, toco etc., desde que possuam freio estacionário.

Periféricos

Aviso de chegada de mensagens do MCT para o *pager* do motorista.

Logística

– Controle total dos ciclos operacionais do DARJ, com garantia de otimização de recursos;

- Fim dos desvios de rotas;
- Acompanhamento dos tempos de carga e descarga;
- Integração com roteirizadores;
- Solução simultânea dos problemas de manutenção;
- Monitoramento dos tempos de parada do motorista;
- Padronização, qualidade e pontualidade.

Produtividade

- Menores tempos de carga e descarga;
- Maximização do quilômetro carregado;
- Menores gastos com manutenção e combustível;
- Redução da hora parada;
- Redução dos prêmios de seguro;
- Elimina e/ou diminui despesas em função dos riscos de acidentes, roubos e assaltos;
- Fim dos telefonemas interurbanos;
- Otimização da frota com oportunidades de novos carregamentos durante a viagem (frete-retorno).

Segurança

- Computador de bordo;
- Sensoriamento automático e contínuo da frota;
- Percepção da emergência em tempo real;
- Botão de pânico;
- Acionamento de alarmes e sirenes;
- Bloqueio do veículo;
- Travamento das portas do baú;
- Identificação do desengate da carreta;
- Controle da velocidade;
- Imobilização da carreta.



Comunicação Rápida

- Informação e ação em tempo real;
- Mensagens bidirecionais individuais ou para grupos, livres ou simplificadas (pré-formatadas);
- Ampliação do poder e da velocidade de decisão;
- Consulta ao banco de dados da empresa.

Avaliação Custo x Benefício

- Aumento do número de quilômetros carregados;
- Aumento da produtividade;
- Economia do consumo de combustível;
- Redução das despesas com telefone;
- Redução de 100% dos desvios de rota;
- Fim das paradas não programadas.



Gaúchos na Revolução Constitucionalista de

1932

“Outra não
podia, pois,
ser nossa
atitude sob
pena de nos
tornarmos
indignos
da terra
extraordinária
dos
Farroupilhas.”



*Ten.-Brig.-do-Ar
Sergio Pedro Bambini*



Episódio conhecido por todos, a Revolução de 1932 foi um movimento armado que levantou todo o Estado de São Paulo, tendo como objetivo a normalização constitucional do Brasil.

Após a vitória da Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, houve a cisão entre militares e políticos, criando o chamado *caso de São Paulo*, estopim para a eclosão do movimento que levantou o povo paulista contra o Governo Federal. De um lado e do outro, nomes conhecidos, merecedores de todo o respeito da nação, como Miguel Costa, Isidoro Dias Lopes, Gen. Góes Monteiro, Cel. Manoel Ribeiro, Pedro de Toledo, Gen. Bertoldo Klinger, entre tantos outros, defrontaram-se passando a ser o foco das atenções de todo o país. A data de 9 de julho marca o início das hostilidades. A Força Pública se uniu ao Exército sediado em São Paulo, enquanto se formavam batalhões de voluntários. A mobilização se fez com indescritível entusiasmo.

A luta foi violenta e durou três meses. Todo o poder militar disponível foi empregado, inclusive aeronaves. São Paulo ficou sozinho, sem contar com o esperado apoio do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

Acossado por todos os lados, São Paulo foi derrotado, especialmente, pelo esgotamento dos recursos.

Assim, resumidamente, o trecho acima representa o que está retratado e registrado na História Contemporânea do Brasil. É assim que os estudantes de toda a nação, principalmente os de São Paulo, tomam conhecimento do movimento deflagrado em São Paulo, em 1932, e que ficou conhecido como *Revolução Constitucionalista*.

É importante assinalar o detalhe que *a luta foi violenta e durou três meses. São Paulo ficou sozinho, sem contar com o esperado apoio do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Os revolucionários paulistas sentiram-se sozinhos e traídos. E sozinhos foram derrotados. Dentro de sua derrota, porém, extraíram forças para unificar o Estado dentro de um espírito de solidariedade aos que foram feridos, ou pereceram, durante o movimento. A data de 9 de julho é comemorada como sagrada, anualmente, em São Paulo, com desfile dos veteranos e homenagens prestadas junto ao obelisco existente, com grande destaque, no Parque do Ibirapuera, em justa homenagem a quatro jovens sacrificados, cujas iniciais de seus nomes formam a sigla conhecida e consagrada MMDC. É um dos feriados mais comemorados das tradições paulistas.

Nos desfiles anuais, as Forças Armadas também tomam parte. Nos desfiles aéreos, militares da Força Aérea Brasileira rendem seu tributo aos heróis paulistas. Em muitas esquadrilhas, gaúchos compõem parte das tripulações e ajudam a enaltecer a memória de bravos que tiveram a coragem de arriscar suas vidas, lutando por aquilo que julgavam ser certo, por um ideal, pela liberdade, tal qual os Farroupilhas nos idos de 1835. Também participei de diversos desfiles aéreos, na segunda metade da década de 60, quando servia em Cumbica.

A cada 9 de julho uma ponta de tristeza toma conta de alguns poucos gaúchos. Lendo todas as notícias referentes ao evento, nada encontramos que se refira, com alguma simpatia, a outro grupo de brasileiros não menos idealistas, não menos bravos, não menos merecedores de homenagens, honras e respeito de todos os brasileiros, que os veteranos paulistas da Revolução Constitucionalista. Trata-se de um grupo formado por cidadãos do município de Soledade, no Rio Grande do Sul. Estes homens compuseram e integraram a Frente Única de Soledade, liderada pelo Sr. Cândido Carneiro Júnior, comissionado coronel

“...eles souberam honrar os compromissos assumidos pelo Rio Grande do Sul ante o povo de São Paulo.”

na Revolução de 1930, proclamado General Comandante-em-Chefe das Forças Revolucionárias Constitucionalistas de Soledade e conhecido, desde então, pela alcunha carinhosa de General Candoca.

Desde o manifesto de 1º de setembro de 1932, eles souberam honrar os compromissos assumidos pelo Rio Grande do Sul ante o povo de São Paulo. Heróis anônimos, desconhecidos pelos brasileiros, particularmente pelos paulistas e, infelizmente, pelos próprios gaúchos, eles dignificaram da forma mais nobre e varonil o compromisso moral assumido, o ideal e o desejo de liberdade, anseio natural do homem brasileiro. E o fizeram por meio das armas, em combate, contra força infinitamente superior.

Realmente, poucos gaúchos têm conhecimento de que, em 1932, um punhado de destemidos idealistas, mal armados e mal treinados, tomaram todo o

“Foi um episódio anônimo dentro da História do Brasil.”

município de Soledade e, atravessando o Rio Jacuí, ocuparam, com poucos homens, a sede distrital de Tapera, município de Carazinho. Várias escaramuças ocorreram nos dias seguintes. As forças da Frente Única reorganizaram-se, depois, às margens do Arroio Fão, enfrentaram as forças governamentais, muito superiores em número, bem armadas, inclusive com armas automáticas, treinadas e constituídas por soldados profissionais da Brigada Militar. Foi um combate violento e sangrento. Cerca de 150 homens pereceram, em sua maioria, integrantes das forças oficiais. O grupo de revolucionários soledadenses foi derrotado. Também o foram os paulistas. Livros poderiam ter sido escritos e monumentos erigidos, como o foram em São Paulo. A data poderia ser comemorada, como é o 9 de julho em São Paulo. Nada



disso, porém, ocorreu e os povos gaúcho e paulista desconhecem esse evento que resgata a honra rio-grandense.

Foi um episódio anônimo dentro da História do Brasil. Entretanto, em bravura, em desprendimento, em idealismo, nada fica a dever aos episódios épicos da Revolução Farroupilha.

Que estratégia seguiram esses bravos? Que táticas empregaram? Que logística os apoiou? Nada! Nenhuma estratégia, nenhuma tática, nenhuma logística! Nada além de raça, determinação, coragem, vibração, lealdade, espírito de sobrevivência. Apenas um sentimento os

animava. O sentimento do dever, da honra, do orgulho, da palavra empenhada. Aquele mesmo senti-

mento que levou os gaúchos às armas em 1835, 1893, 1923 e, novamente, em 1930. Sentimento forte de lealdade a uma bandeira, a um partido, a uma cor, a um líder.

Em julho de 1975, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo agraciou a cidade de Soledade com a *Medalha Constituição* pela sua participação ativa em prol do movimento Constitucionalista de 1932, liderado por São Paulo.

Em novembro do mesmo ano, em solenidade realizada em Soledade, os integrantes da Frente Única de Soledade ainda vivos foram agraciados com duas medalhas: uma concedida pela Assembléia Legislativa de São Paulo e, a outra, pela Associação de Veteranos da Revolução Constitucionalista. Foi uma cerimônia emocionante, que atestou o reconhecimento, ainda que tardio, dos paulistas. Meu pai faleceu poucos meses após receber as duas medalhas.

Setenta e dois anos se passaram. Agora os paulistas, alguns pelo menos, sabem que não estiveram sozinhos em sua luta idealista, em sua odisséia, em sua causa perdida, em sua derrota com sabor de vitória. Um grupo de destemidos os apoiou sem quaisquer esperanças ou vislumbre de possibilidade do mais remoto êxito, somente por solidariedade, espírito de honra, cumprimento da palavra empenhada e, sobretudo, por idealismo. Os paulistas conhecem, agora, a verdadeira História da Revolução Constitucionalista. Já é hora de os brasileiros em geral e, em particular, os gaúchos, também conhecerem esse trecho glorioso da História e se sentirem orgulhosos de manter, ainda no século vinte e um, o espírito idealista, vibrante e viril, que sempre caracterizou o homem gaúcho, eternizado no folclore e nas tradições rio-grandenses.

Na página ao lado, na íntegra, o manifesto que deu início ao episódio histórico da Frente Única de Soledade. ✈

“Já é hora de os brasileiros em geral e, em particular, os gaúchos, também conhecerem esse trecho glorioso da História...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Enciclopédia Barsa.
2. Paula, Jorge Augusto de. *O Fão. Passo Fundo: João B. M. Freitas Gráfica e Serviços, 1972.*



Manifesto ao Povo do Rio Grande do Sul



A terra heróica de Soledade, atendendo à voz dos Partidos Republicano e Libertador e honrando suas tradições, levanta-se hoje de armas na mão pela restauração da ordem do regime legal no Brasil.

Estamos com uma Brigada de um efetivo superior a mil e quinhentos homens armados, cheios de ardor e fé cívica, para sustentar ao lado de outros municípios que, como o nosso, se acham empenhados no movimento revolucionário constitucionalista, a palavra de honra do Rio Grande.

Os compromissos assumidos pelos Chefes eminentes Borges de Medeiros e Raul Pilla, que representam a totalidade da população rio-grandense, é que levaram a lutar ao lado do heróico povo de São Paulo, nesta memorável jornada cívica, contra uma ditadura funesta e nefasta aos destinos da nacionalidade.

Borges de Medeiros, o excelso varão republicano, e Raul Pilla, a individualidade estuante da fé e ardor pela liberdade, se acham em campo para defesa dos mesmos ideais que nos animam.

Outra não podia, pois, ser nossa atitude sob pena de nos tornarmos indignos da terra extraordinária dos Farrroupilhas.

O nosso movimento é invencível, porque defende a causa do Rio Grande do Sul.

Duas de nossas divisões marcham para invadir os municípios de Carazinho e Passo Fundo.

Nada nos deterá nesta hora histórica em que combatemos a boa peleja pela dignidade, pela honra do Rio Grande do Sul e salvação da Pátria.

Viva Borges de Medeiros!

Viva Raul Pilla!

Viva a Revolução Constitucionalista!

Soledade, 1º de setembro de 1932.

*Cândido Carneiro Júnior
Sebastião Scheleiniger Júnior
Kurt Spalding
Abelardo de Almeida Campos
Caio Graccho Serrano
Clóvis Libero Cardoso
Hércules Boccardi
Antônio Pereira de Almeida
Pantaleão Ferreira Prestes
Manoel da Silva Corralo
Sebastião J. da Rosa
Olavo de Almeida Campos
Olmiro Ferreira Porto
Mario Ortiz
Abílio Tatim
Ivo Tomasi
João Ferreira Dias
Emílio Jacob
Cantídio Borges
Thimóteo Loureiro
Guilherme de Vasconcellos
Pedro Guilherme Simon
Dario Carneiro
Cesário dos Santos
Sebastião de Freitas Borges
Hermenegildo Rossin
Alfredo Dias
Urbano Benigno dos Santos
Armando de Souza Kanters
Henrique Bohrer Sobrinho
Pedro Carneiro
Rosauro Tavares
Álvaro Rodrigues Leitão
Ugo Barroso
Virgílio José Laudin
Nicanor R. de Almeida
Pedro Bambini
José Miguel Dipp
Francisco Pereira dos Santos
Cássio Brutus Cardoso
Ludovico Thomasi
Ugo Thomasi
Ulderico Franklin da Silva
Osvaldo Vieira
Rodolpho Tatim
Oralino Bibiano Ribeiro
Justino Soares
Ignácio Dihel
José Portella de Andrade
José Antunes de Almeida
Antonio Reveliau
Honorato R. de Almeida
Alípio Fernandes Baptista
Deodoro Graccho Serrano*



O Estado: Apreciação sob

Manuel Cambeses Júnior
Cel. Av. R1

O ESTADO, UMA ENTIDADE IMPRESCINDÍVEL

O Estado moderno como conceito e como ordenamento político institucional começa a desenvolver-se na Europa, a partir do século XIII. A sua característica principal é a busca da centralização do poder em uma instância que abarque as relações políticas fundamentais. Entre os séculos XVI e XVIII a noção do Estado assentou-se em uma concepção mercantilista de economia, que buscava aumentar o poder dos Estados às expensas dos demais Estados rivais. Não foi sem razão que essa doutrina econômica resultou paralela ao surgimento e auge do absolutismo.

Ao final do século XVIII, tanto o mercantilismo como o absolutismo, ambos entraram em crise. A convergência da economia de mercado na área econômica – e do estado de direito no campo político – gerou as bases de uma nova ordem: a chamada ordem liberal, a qual buscava traçar limites precisos ao Estado, locando barreiras ao exercício de seu poder. Não obstante, longe de iniciar-se nesse momento o declínio do Estado, o mesmo vai adquirir novos ares com a aparição do fenômeno nacionalista. De acordo com ele, a lealdade fundamental do cidadão deveria ser dirigida ao Estado-Nação.

O período compreendido entre o final do século XVIII e início do século XIX é conhecido com a Era das Revoluções. Durante esse espaço de tempo, ocorreram a Revolução Americana, a Revolução Francesa e a Guerra da Independência hispano-americana. Todas elas se assentaram sobre a idéia do Estado-Nação como conceito superior. A tese da soberania popular, originária de Rousseau, provê as bases para a consolidação deste novo conceito de Estado. Ao longo do século XIX o poder deste se fortaleceu na Europa, cavalgando sobre a idéia do nacionalismo. Surgiram, nesse momento, novos

Estados centralizados, como Alemanha e Itália.

O século XX levou o Estado a limites nunca vistos anteriormente. Nele se produziu a estadolatria dos totalitarismos fascistas e comunistas. Terminada a Segunda Guerra Mundial, por sua parte, o Estado-Nação identificou-se com o processo de descolonização na Ásia e na África, expandindo o seu âmbito em nível planetário. O período compreendido a partir da Segunda Guerra caracterizou-se pela contraposição de dois superestados e de seus respectivos aparatos e sistemas de alianças.

Entretanto, ao iniciar a década final do século XX, um autêntico cataclismo fez sacudir em seus alicerces a noção de Estado, conduzindo-o a uma intensa crise histórica. As ameaças, que hoje recaem sobre este antigo e familiar conceito, são tão grandes quanto variados. Nos aspectos, jurídico, político e econômico, a sobrevivência do Estado como instituição fundamental está seriamente comprometida. Isto foi o resultado inevitável do colapso do comunismo, que trouxe consigo a implantação de todo um conjunto de paradigmas emergentes.

A nova linguagem do Direito Internacional se assenta em noções como soberanias limitadas, tutelas internacionais, direito de ingerência e administrações supranacionais, todas as quais têm como denominador comum o desconhecimento do Estado como ator essencial da vida internacional. No campo político, o poder que tradicionalmente deteve o Estado está tendendo a fluir em distintas direções. Para cima, em direção aos organismos supranacionais e coletivos, tais como o Conselho de Segurança da ONU, a União Européia e a Organização Mundial de Comércio. Para os lados, para Organizações não Gover-

**"O século XX levou
o Estado a limites
nunca vistos
anteriormente."**



DOIS ENFOQUES

namentais, enraizadas com a sociedade civil, que emergem ao interior dos próprios Estados. Para baixo, em direção a regiões cada vez mais autônomas, as quais se consideram representativas de identidades étnicas e culturais. Entre os dois últimos segmentos e o primeiro tendem a estabelecer-se relações cada vez mais diretas que obstam o Estado central. O Estado, dessa maneira, vai perdendo o seu caráter de articulador fundamental da vida nacional e de interlocutor natural em matéria internacional.

Entretanto é no campo econômico que as ameaças contra o Estado se apresentam maiores. A queda do Muro de Berlim trouxe consigo a preeminência do econômico sobre o político e, também, do âmbito do privado sobre o público. Por sua vez, o processo de desregulação que se tem evidenciado na economia nestes últimos anos, acompanhado de um gigantesco salto tecnológico, tem proporcionado uma extraordinária vitalidade ao fenômeno econômico, permitindo acumulações de capital nunca antes imaginadas. Acuado frente aos mercados financeiros, aos megaconglomerados da comunicação social e à fusão das grandes corporações transnacionais, o Estado apresenta-se cada vez mais impotente.

Destruir o Estado significa, entretanto, sufocar as reivindicações dos povos, deixar sem intérprete o sofrimento dos excluídos, perder o sentido do coletivo e renunciar a mobilizar as forças espirituais dos cidadãos em função de um ideal superior. Destruir o Estado é retirar do jogo a única instituição que foi capaz, na década de 1930 e no pós-guerra, de sustentar a economia e de reverter suas grandes crises. Hoje, quando o frenesi dos mercados ameaça condenar à pobreza centenas de milhões de seres humanos, torna-se mais necessário do que nunca contar com essa instituição ancestral, indispensável e insubstituível: o Estado.

A CRISE DO ESTADO

O século XIX viu o surgimento dos últimos grandes Estados. Nesse século, não somente Alemanha e Itália fizeram seus aparecimentos no cenário mundial, mas, também, os Estados Unidos puderam realizar seu destino manifesto, transformando-se em um grande Estado continental. O século XX, entretanto, conseguiu evidenciar as máximas expressões de *estadolatria* - com o aparecimento do fascismo e do comunismo - e, também, de importantes Estados surgidos do desmembramento dos impérios coloniais. Acrescente-se que, durante os cinquenta anos que durou a Guerra Fria, o mundo girou em torno de um sistema de relações interestatais centrado em dois grandes Estados. A última década desse século, entretanto, transformou-se na era do ocaso dos Estados.

Em nenhum momento da evolução histórica da Humanidade os Estados encontraram-se em tal condição de desprestígio. Por outro lado, o fenômeno da globalização vai carcomendo implacavelmente as funções dos Estados e as identidades sobre as quais estes se assentam, ao mesmo tempo em que o *fenômeno étnico* e os *fundamentalismos* vão escavando suas bases de sustentação.

Particularmente chamativo é o duplo processo de desmontagem que se opera sobre o Estado, desde as instâncias da globalização e do fundamentalismo. Sob o

"Sob o influxo da globalização os Estados vão se desfazendo de boa parte das funções..."

influxo da globalização os Estados vão se desfazendo de boa parte das funções que os caracterizavam, adentrando em processos de privatização e abandono de serviços públicos. Cada vez menos os Estados se distinguem das corporações privadas e cada vez mais vão se regendo pelas mesmas normas de competitividade. Os cidadãos, crescentemente desassistidos e ansiosos,



observam como, ao seu redor, tudo passa a reger-se pelas exigências e pela ética do capital privado. A inevitável erosão da lealdade do cidadão para com o Estado vê-se reforçada com o desgaste da identidade nacional que a globalização traz em seu bojo. É o resultado inevitável da homogeneização planetária. De al-

"...a crise do Estado tem vindo acompanhada do surgimento indiscriminado de novos Estados."

guma maneira, o fenômeno globalizador vai pressionando, de cima para baixo, o Estado, através de uma intensa ação asfixiante. A única resistência capaz de interpor-se a essa ação devastadora e implacável é representada pelos núcleos de identidades subsistentes; ou seja, os *fundamentalismos* e os *etnicismos* desatados, que conspiram sistematicamente contra os Estados, destruindo seus alicerces.

Paradoxalmente, a crise do Estado tem vindo acompanhada do surgimento indiscriminado de novos Estados. Somente do desmembramento da União Soviética, da Iugoslávia e da Tchecoslováquia, surgiram vinte e dois Estados independentes. Porém, não foi somente no velho bloco socialista que se produziu esse fenômeno. Países centrais dentro do mundo ocidental, como Canadá e Bélgica, confrontam a mesma ameaça. O porquê desse fenômeno está intimamente ligado à própria crise do Estado. Quatro

elementos centrais explicariam o processo em marcha. Em primeiro lugar, os núcleos radicais de identidade que buscam conformar Estados que atendam às suas particulares características. Em segundo lugar, a possibilidade de encontrar, em nível planetário, os elementos de complementaridade e integração que davam sentido ao Estado. Em outras palavras, na medida em que os Estados se integraram, em nível global, e deixaram de ser unidades de auto-sustentação, torna-se possível que suas regiões componentes possam aspirar a uma existência independente. Em terceiro lugar, o próprio fato de que o êxito na economia global não é determinado pela quantidade de recursos naturais, mas pela qualidade de seus recursos humanos. Os segmentos e regiões mais avançados do interior dos Estados começam a ver, como uma carga desnecessária, os territórios e porções sociais mais atrasados, buscando desvincular-se deles. Em quarto lugar, sob a proteção dos organismos de segurança coletiva e do novo Direito Internacional, já é possível a subsistência de Estados débeis, tornando-se desnecessário o escudo protetor dos Estados mais fortes.

Em síntese, hodiernamente, a crise que o Estado enfrenta é a própria fonte de sua proliferação, ou seja, na atualidade, os Estados ampliam-se em quantidade, porém significam cada vez menos em termos de soberania e autodeterminação. ✈

Revista aeronáutica

10.000 exemplares

Distribuição:

Associados do Clube de Aeronáutica, Embaixadas, Comissões Aeronáuticas no Exterior, Presidência da República, Organizações do Comando da Aeronáutica e aeronaves militares que transportam autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário.

PALAVRAS PRECIOSAS

A intenção do Departamento Cultural é levar a todos uma *Revista aeronáutica* dinâmica e atual, que represente a pluralidade de pensamento dos sócios do Clube de Aeronáutica.

Antes de tudo, isso só poderá ser feito com a colaboração de cada integrante do Quadro Social.

Assim, enviem-nos matéria publicável, com informações atraentes, atuais e de interesse da sociedade brasileira.

O texto deve ser claro, conciso e, em princípio, ter no máximo 3 laudas datilografadas ou digitadas.

Em face da escassez de espaço, este Departamento não pode assumir compromisso quanto à publicação das matérias. Um *Comitê Editorial* estuda, analisa e, por consenso, determina quais serão os textos publicados, utilizando critérios próprios.

É importante não esquecer de nos enviar o nome completo do autor, sua qualificação, sugestões de ilustrações para o texto, endereço, telefone para contato e esclarecimento de dúvidas.

Venham participar! Envie seus textos.

Anuncie Tel./FAX (21) 2220-3691 - e-mail: revista@caer.org.br



Gravidez na Adolescência

“Os fatos não deixam de existir simplesmente por serem ignorados.” (Aldous Huxley)

“A gravidez precoce é considerada um problema de saúde pública no Brasil, e em outros países. Em nosso meio, em cada quatro mulheres que dão à luz nas maternidades, uma tem menos de 20 anos de idade. Pesquisas mais recentes são mais contundentes: 14% das meninas engravidam antes dos 15 anos de idade”.

Esta afirmativa se aplica como paradigma dos discursos que pretendem abordar esta temática complexa e multifatorial.

Contudo, o assunto merece reflexão mais profunda se considerarmos alguns fatores, digamos, *sociais*, que atuam como ingredientes que têm participação significativa, em muitos casos, como patrocinadores de uma mudança de atitudes que induzem a um *novo padrão comportamental por parte dos jovens* – invariavelmente com a conivência passiva daqueles que, teoricamente, deveriam envidar esforços no sentido de

preservar os limites fronteiriços entre a liberdade e o descontrole – estes *responsáveis* são, em linhas gerais, todos nós: adultos, experientes, pais, familiares, enfim, todos aqueles que valorizam em graus diversos uma estrutura tão importante que é considerada

“Os números são realmente assustadores. São mais de 700 mil partos de adolescentes no Brasil por ano, e algo em torno de 500 mil abortos, todos clandestinos e ilegais.”

a *célula social* – a família.

A princípio tais referências podem ser interpretadas como um texto retrógrado, puritano, ou de forma mais polida, classificado como conservador, antigo ou ultrapassado.

Na verdade, o mundo moderno tem imposto uma *revolução de costumes*: a massificação de informações através da mídia, sob todas as formas; a postura muitas vezes extremamente *flexível* diante de hábitos precocemente íntimos entre os jovens – os namoros substituídos pelo *ficar*

Serviço de Ginecologia e
Obstetrícia do HCA

com fulano(a), a frequência a bailes nos quais a *liberalização do sexo* parece conferir uma conotação errônea de *conquistador(a)*, o estilo bizarro dos trajes que não raras as vezes expõem, principalmente as meninas, como ícone de sensualidade; o acesso às drogas; e ainda, talvez o mais importante: a carência de diálogo, franco e aberto, entre pais e filhos.

Entretanto quando nos deparamos com a situação de gravidez na adolescência, é importante ter em mente que essas jovens se situam na *fronteira criança/adulta*, estão em processo de transformação e, ao mesmo tempo, prestes a serem mães. A transformação física, tanto pela *perda de seu corpo infantil* quanto pela *aquisição de uma forma adulta* que se encontra em processo de mudança em decorrência do estado gestacional; e os papéis de criança que brincava de boneca e de futura mãe na vida real se confundem, e o momento do parto faz exacerbar essa dualidade. A fantasia deixa de existir para dar lugar à realidade. Este é um momento muito delicado, que gera insegurança, medo, solidão, sensação de rejeição, entendimento de *estar assumindo um comportamento transgressor* e um empobrecimento da auto-imagem.

A gestação conflituosa envolve, além dos dilemas próprios dessa fase da vida, situações que antecipam etapas do curso de vida das jovens, as quais podem se tornar fonte de intensa perturbação e vulnerabilidade.

Estudos mais recentes apontam alguns aspectos favorecedores para a alta incidência desse fenômeno, tais como prematuras experiências de perdas, separação dos primitivos *cuidadores* e alta ocorrência de divórcios parentais. Somase a isto, a frequência com que ocorre o rompimento dos relacionamentos afetivos entre os parceiros adolescentes.

A figura da família terá, mesmo diante desse momento de precocidade, um papel muito importante. Seu apoio é determinante para a manutenção do equilíbrio dos entes, evitando assim ideias de fuga – abandono do lar – ou de in-

terrupção da gravidez por meio de abortamento. Neste particular, cabe enfatizar o grande risco que a clandestinidade do procedimento poderá redundar para a jovem.

Após a *fase do aborto*, a gestação e o parto representam os próximos riscos importantes. Para a grávida que não completou seu próprio crescimento, as necessidades nutricionais do feto podem prejudicar o estado metabólico da parturiente. Se o corpo da *menina-mulher* é pequeno, também poderá haver dificuldades na passagem do feto durante o parto. Psicologicamente a mãe adolescente pode não ter maturidade emocional suficiente para assumir plenamente este papel, refletindo em maiores taxas de mortalidade infantil.

Dentre os problemas que passam a fazer parte do cotidiano de um segmento até certo ponto expressivo *dessas gestantes* são enfileirados pelo fracasso escolar e mesmo o abandono dos estudos, motivado por questões de ordem física ou psicológica. Esta *decisão* pode ocorrer durante a gestação, ou após o nascimento da criança, trazendo consequências gravíssimas para o futuro profissional *da mulher*, aflorando um sentimento de frustração, da perda de oportunidades conseqüentes ao adiamento ou o redirecionamento de um projeto de vida.

Não se pode deixar de considerar, além do ônus emocional, aquele de ordem

“A fantasia deixa de existir para dar lugar à realidade. Este é um momento muito delicado...”



“...o HCA oferece, além de um suporte médico-odontológico e psicológico, o Curso de Gestantes, que visa esclarecer e orientar as futuras mães nesta jornada.”

financeira – pela imprevisibilidade – que representa ponto de desestabilização para uma família desprovida de recursos ou aquelas que contam com um orçamento limítrofe.

Um fator que deve ser levado com a maior seriedade é o acompanhamento pré-natal. Sua condução inadequada acarreta sérios riscos para a futura mãe e seu filho. Hábitos e/ou vícios como o fumo e o uso de drogas, respectivamente, devem ser coibidos para que sejam evitados os malefícios inconteste para a usuária e seu conceito. A mesma restrição deve envolver o uso de bebidas alcoólicas.

A Pesquisa Nacional em Demografia e Saúde, de 1996, mostrou um dado alarmante: 14% das adolescentes já tinham pelo menos um filho, e as jovens mais pobres apresentavam fecundidade dez vezes maior. Entre as jovens grávidas atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no período de 1993 a 1998, constatou-se um aumento de 31% dos casos de gravidez entre 10 e 14 anos. No mesmo passo, nesses cinco anos, 50 mil adolescentes procuraram hospitais públicos devido a complicações de abortos clandestinos provocados. Quase três mil na faixa dos 10 aos 14 anos.

Os números são realmente assustadores. São mais de 700 mil partos de adolescentes no Brasil por ano, e algo em torno de 500 mil abortos, todos clandestinos e ilegais. Com isso, podemos estimar que 1.100.000 adolescentes engravidam por ano no Brasil.

Em termos relativos, a expectativa é de que uma em cada 17 adolescentes engravide nos próximos meses.

Com base nos dados fornecidos pela Subdivisão de Arquivo Médico e Estatísticas (SAME) do Hospital Central da Aeronáutica, nos últimos seis meses ocorreram 31 partos de adolescentes.

Quando uma jovem diz que *engravidou sem querer*, normalmente ela está certa de que não queria *estar pronta para conceber* naquele momento.

Pesquisas em países em desenvolvimento também mostram que até 60% dos casos de gravidez em mulheres com menos de 20 anos não são planejadas. Esse fenômeno pode ser resultado da iniciação precoce da atividade sexual, da falta de informação, da falta de meios de contracepção e do excessivo apelo cultural ao desempenho sexual livre e incondicional.

O bem-estar da criança está estreitamente ligado às condições da mãe ao longo da evolução da gravidez, do parto e do pós-parto, condições físicas e emocionais. Para isso o HCA oferece, além de um suporte médico-odontológico e psicológico, o *Curso de Gestantes*, que visa esclarecer e orientar as futuras mães nesta jornada. Este curso, que transcorre em dois módulos, incluindo as atividades de educação física, conta com palestras quinzenais, durante as quais são ministradas aulas contendo importantes informações sobre a gravidez, a nutrição, o parto, a amamentação, os cuidados com o bebê e os direitos e deveres dos pais.

Muitas vezes é difícil concatenar o aspecto sublime da gravidez – desejada pela mulher – e o caráter conturbador que envolve a adolescente e o estado gestacional. Desde o início estabelece-se um problema de difícil manejo, de evolução turbulenta e de futuro incerto.

Pelo exposto, fica claro que o diálogo no seio da família tem um poder muito maior do que se possa supor: age como uma *espécie de antídoto* contra as influências negativas às quais os jovens estão sujeitos, seja diante da mídia, dos *modismos*, dos *círculos de amizades* nos condomínios, nas escolas, em qualquer lugar.

Finalmente, acreditamos que cultivar ou reinstalar a aproximação entre os familiares poderá constituir um mecanismo decisivo e, quem sabe, profilático, neste contexto, repleto de intensas e intrincadas emoções, sem perder de vista, repise-se, a importância decisiva dos pais como alicerces diante dessa fase tão complexa da vida dos jovens – época de incertezas, de mudanças tanto físicas quanto emocionais – ocasião em que estão eles mais suscetíveis às decisões intempestivas que, no tema em questão, invariavelmente resultarão na prematura assunção de responsabilidades permanentes.



TERRORISMO:

“A intervenção se tornou um instrumento natural utilizado ao longo de todo o século XX...”

De 1898 – Guerra Hispano-Americana – a 1999 – participação na Guerra de Kosovo – os Estados Unidos não cessaram de intervir militarmente fora de suas fronteiras. É suficiente mencionar as numerosas e recorrentes operações na zona do Caribe, a participação decisiva nas duas guerras mundiais e as intervenções na Coreia e no Vietnã. Enfocando apenas a região vizinha ao território norte-americano, um rápido e parcial retrospecto demonstra essa realidade: Cuba (1898), México (1914), Nicarágua (1933 e 1984), Haiti (1994), República Dominicana (1909 e 1965), Granada (1983) etc. A intervenção se tornou um instrumento natural utilizado ao longo de todo o século XX quer para depor um chefe de Estado corrupto colocado no poder por eles mesmos, como no Panamá em 1989 e na República Dominicana em 1905, quer em nome da luta contra o Comunismo, como em El Salvador e na Nicarágua nos anos 80.

O intervencionismo dos Estados Unidos no resto do mundo foi se tornando cada vez mais explícito depois da vitória na Segunda Guerra e do advento da Guerra Fria. No mundo ocidental formou-se um consenso em torno da luta contra o Comunismo e os Estados Unidos participaram ativamente da criação de organismos internacionais, como a ONU e a OTAN, com um nítido sentido de procurar respaldo internacional ao ímpeto intervencionista que o consenso mundial pós-guerra permitiu. Esse crescente consentimento, naquele momento, estava ligado à debilidade econômica e militar em que as demais potências mundiais, particularmente as da Europa Ocidental,

“O intervencionismo dos Estados Unidos no resto do mundo foi se tornando cada vez mais explícito depois da vitória na Segunda Guerra e do advento da Guerra Fria.”

se encontravam ao final da guerra. O engajamento na Guerra Fria foi igual-

mente assimilado pela Europa não comunista, mas sempre visto com reservas por grande parte da comunidade internacional. O fim da Guerra Fria e o desaparecimento da *ameaça comunista* não desaceleraram a volúpia intervencionista dos Estados Unidos. Pelo contrário, numa manobra conhecida como *aproveitamento do vácuo*, eles continuaram embalados e, perdendo o pouco pudor que até então mantinham, passaram a não dar mais atenção às resoluções dos órgãos internacionais que ajudaram a criar. Atualmente os Estados Unidos mantêm efetivos militares em 44 países espalhados pelas diversas regiões do globo, sendo que em apenas oito os efetivos militares cumprem missão de paz solicitada pela ONU.

O curioso é que sempre existiu uma corrente isolacionista, ou não intervencionista, mesmo dentro dos Estados Unidos. Sua origem se situa no nascimento da República norte-americana e se manifestou de maneiras variadas durante o século XX. Começa com uma oposição ferrenha dos antiimperialistas internos à expansão americana até as Filipinas, após a Guerra Hispano-americana no raiar do século passado; passa pela forte posição do Secretário de Estado William J. Bryan, no Governo Woodrow Wilson, contra a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, e que terminou por se demitir; e culmina com a hesitação do Presidente Roosevelt em declarar guerra ao Eixo Alemanha/Japão antes do ataque a Pearl Harbor. O próprio movimento contra a Guerra do Vietnã, que considerava estarem os valores americanos sendo pervertidos pelo engajamento no conflito, era uma manifestação isolacionista.

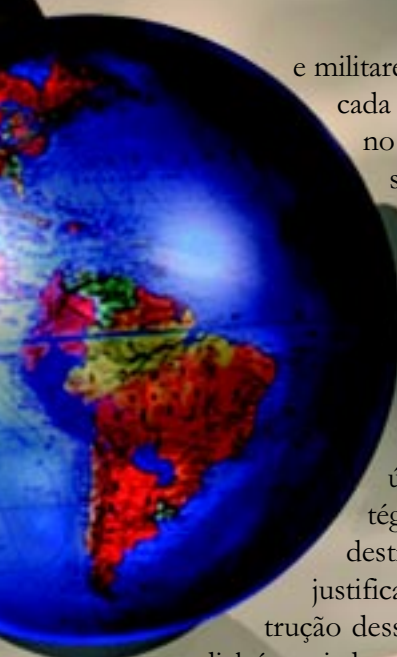
Com o fim da Segunda Guerra e a ascensão dos Estados Unidos à condição de superpotência, neutralizou-se o não intervencionismo como movimento organizado, simplesmente porque os dirigentes políticos





o preço do intervencionismo

Brig.-do-Ar R1 Delano Teixeira Menezes



e militares norte-americanos passaram, a cada crise, a operar estrategicamente no sentido de construir um consenso nacional e internacional para evitar aquele tipo de oposição. Isso aconteceu no período anterior ao início da Primeira Guerra do Golfo, durante o amadurecimento da decisão de intervir no Kosovo, em 1999, e no Afeganistão, em 2001. A última manifestação dessa estratégia foi o embuste das armas de destruição em massa utilizado para justificar a invasão do Iraque. A construção desse *modus operandi* em nível mundial é apoiada pela economia, com a predominância do dólar nas transações internacionais; pela difusão cultural, com as produções audiovisuais que se espalham pelo mundo; e pelos meios de comunicação internacionais, que se constituem em instrumento da política externa americana.

Esta opção dos Estados Unidos em se tornar um império que não pede e não dá satisfação a ninguém, no lugar de buscar a postura de uma nação líder, que dê exemplos de coerência, equilíbrio e respeito, está cobrando um alto preço de seus cidadãos e destruindo o processo de convivência do país com as demais nações. O fato de ceder à tentação do unilateralismo baseado nas armas, ao invés de trabalhar em favor do equilíbrio das forças dentro de um quadro político internacional voltado para ações de longo prazo, é que está alimentando o *inferno* do terrorismo dentro do seu território. A ambição de ser um império impede o país de definir modalidades práticas de uma política externa adaptada às realidades de cada região, de uma política digna desse nome, que não trate a segurança coletiva sob o enfoque único dos interesses nacionais. A atual política externa dos

Estados Unidos quer atribuir ao mundo ocidental a responsabilidade pelos problemas que eles mesmos criaram, e ainda exigir que todos se aliem a eles para *limpar a sujeira*, como eles mesmo dizem.

O terrorismo é, hoje, um problema dos Estados Unidos e de seus aliados militares. Não é de nenhum país da América Latina, muito embora a doutrina que nos é impingida busque generalizar a ameaça, colocando as ações terroristas em um único rol. Não as diferencia, identificando as causas que motivam cada caso. O terrorismo é uma modalidade de guerra e cada guerra tem suas causas e seus responsáveis. É, enfim, apenas uma forma de Golias lutar contra Davi, do mais fraco afrontar o mais forte. E o mais fraco só ousará enfrentar o mais forte quando não for mais capaz de suportar as humilhações a que vem sendo submetido ou se achar que já não tem mais nada a perder. É essa percepção que está faltando à política externa dos Estados Unidos.

“...o mais fraco só ousará enfrentar o mais forte quando não for mais capaz de suportar as humilhações a que vem sendo submetido...”

Por enquanto, a nova ordem norte-americana tem gerado uma onda gigante de antagonismo, com os Estados Unidos assumindo, junto com a Al Qaeda, a condição de maior ameaça à paz mundial. Além da profunda rachadura criada nas relações com seus tradicionais aliados, obtiveram a condenação de líderes e grupos de ativistas ao redor do mundo, até então neutros ou indiferentes. Alguns líderes na Ásia já começam a olhar a China como opção de parceria econômica e de segurança. O próprio povo norte-americano já começa a questionar a atitude de seu país em relação ao mundo.

As próximas eleições presidenciais definirão qual o modelo que o país deseja para o novo tipo de convivência com o resto do mundo no futuro.



PARA MAIORES DE SESSENTA ANOS

Ninguém gosta de perder e, nisso, não inova o brasileiro. Quando os institutos de pesquisa apontam, mesmo com estatísticas discutíveis, um postulante a cargo eletivo como destacadamente favorito, a grande massa dos indecisos, imediatamente engrossa as fileiras do preferido. E quando o aspirante é eleito, justamente o maior defensor do adversário derrotado é o mais efusivo nos cumprimentos ao vencedor. “Meus parabéns, você ganhou! Eu estou aqui para apoiá-lo em tudo o que for necessário!”.

Talvez por isso, pessoas inteligentes que, honesta e conscientemente, elegeram um candidato para que mudasse um determinado cenário político que, depois de mais de um ano, permanece o mesmo na essência, não obstante mais grave, custem tanto a compreender que foram enganadas.

Está na hora de o eleitorado acordar-se, de despertar da letargia, apreender e compreender a realidade, para impor-se aos governantes, impondo-lhes os melhores caminhos para o País.

É inadmissível que, em um Estado de Direto, as Leis e até a Constituição sejam atropeladas pelo governo, a todo o momento, com a conivência dos Parlamentares, que também não se sentem, nem um pouco, obrigados pelo regime jurídico por eles próprios criado.

Uma mídia oligopolista, endividada e excessivamente dependente de dinheiro público completa o quadro que transforma, aos olhos dos menos atentos, em

democracia, uma ditadura maniqueísta que só reconhece como verdadeiras e legítimas as idéias e ações saídas de seus fornos ideológicos.

Temos certeza de que todas as pessoas normais vão além do discurso e, efetivamente, ajudam aos mais pobres, aos *comedores de melancia podre* a que se referiu, em comovente entrevista publicada recentemente na Revista aeronáutica, um colega de turma de quem somos amigo e admirador. Assim, parece que nós, que temos preocupações sociais e, com o pouco que o Estado voraz não nos toma, ajudamos aos desassistidos que quase nada recebem das fontes governamentais, somos muito mais autênticos e legítimos do que os militantes partidários. Aqueles a que socorremos não votam em nós nem nos elegem, não nos propiciam cargos públicos regidamente remunerados nem nos materializam os projetos de Poder. Também não desviamos os recursos destinados à assistência social. O auxílio que damos é com o que é nosso. Fazer caridade com o dinheiro dos outros pode ser muito cômodo, mas não leva ao Céu, nem mantém ninguém no Poder.

Na busca desesperada pela pecúnia alheia, inicialmente, veio uma reforma previdenciária injusta, arbitrária e, sobretudo, inconstitucional, e, depois, uma reforma tributária inexpressiva, cujo único efeito prático foi aumentar, ainda mais, a carga tributária extorsiva a que se submetem os brasileiros.

Sobre a primeira, disse o Comandante do Exér-

Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel. Av. R1

*“O verdadeiro
Estadista
governa dentro do
estrito cumprimento
da Lei...”*



cito, General-de-Exército Francisco Roberto de Albuquerque, em palestra realizada no Clube Militar, em cinco de março deste ano, que “os militares foram a única categoria que ficou fora da reforma previdenciária”. Não cremos que haja nisso qualquer motivo para comemoração, senão para lastimar, profundamente, as perdas dos trabalhadores e aposentados atingidos por mais essa violência estatal.

Agora, o Governo se lança em campanha pela reforma do Poder Judiciário e pela reforma política. Que ninguém se iluda. O que realmente se pretende com a reforma do Judiciário é o controle daquele Poder, pelo Executivo. Não o controle administrativo, como dizem, mas o controle das Sentenças, seja pela interferência direta no julgado, seja pela coação dos magistrados, com os mesmos procedimentos espúrios, que usam para manipular o Congresso Nacional.

É indispensável que o eleitor brasileiro identifique, exatamente, de onde vem a verdadeira ameaça. Muito se fala dos casos isolados de juízes que se corrompem, ao mesmo tempo em que tudo se faz para *abafar* os fatos comprometedores do Executivo. Não podemos deixar que manobras desse jaez contaminem as nossas mentes e nos desviem do principal. É mil vezes melhor que um juiz, eventualmente, venda uma sentença do que um governo arbitrário coaja, remova ou demita juízes, ou, ainda, que reforme sentenças que lhe sejam desfavoráveis. Essa é, talvez, a última linha de defesa de que dispomos contra tais abusos. Não podemos permitir que ela seja demolida.

Queremos, sim, o controle do Judiciário, mas um controle interno mais eficaz, precisamente para impedir que políticos profissionais, que não conseguem despir-se das práticas demagógicas dos tempos de militância, se infiltrem em Tribunais Superiores e, mais grave, no Supremo Tribunal Federal, vindo, assim, a conspurcar a isenção indispensável a essas elevadas cortes. Nesse caso, toda a Justiça poderá ser comprometida pela despudorada adesão de alguns de seus membros às conveniências políticas e aos caprichos irresponsáveis das correntes políticas que lá os tenham colocado.

Sentimos muita saudade dos tempos em que havia dignidade, e os Juízes, os Desembargadores e os Ministros consideravam-se ou eram declarados suspeitos no julgamento de matérias, com cujos interessados tivessem tido um passado de afinidades gritantes.

Que não se vá, por essa outra via, a tão preciosa independência do Poder Judiciário, que terminaria por

se tornar, virtualmente, um apêndice do Ministério da Justiça. Bom para o Governo. Bom para os bandidos. Péssimo para o Cidadão. Péssimo para o País.

Por fim, uma última impostura muito propalada em defesa do controle externo do Judiciário: “Todos os outros Poderes já têm um controle externo, pois o voto faz esse papel”. Mentira! Se tal controle, efetivamente, funcionasse, a maioria deles não estaria onde está, e, há muito tempo, já estaria trabalhando para viver.

Idêntico contra-argumento se aplica ao controle do Ministério Público, que, pelas mesmas razões, procuram implantar.

A reforma política também visa ao mesmo objetivo de assegurar hegemonia absoluta à corrente política que ocupa o Poder. Para confirmá-lo, vejamos o que ela pretende:

- extinguir os pequenos partidos, alguns dos quais são os únicos que fazem oposição verdadeiramente ideológica ao Governo;

- impedir que o eleitor vote no seu candidato, fraudando o resultado da eleição, por obrigá-lo a sufragar uma lista feita pelos *caciques* partidários que, uma vez aliciados, somente nela incluíam candidatos simpáticos ao Poder;

- facilitar o controle de deputados e senadores, os quais perderiam o mandato ou se tornariam inelegíveis se trocassem de partido ou de deles fossem expulsos;

- injetar mais dinheiro do contribuinte na burra do desvio de recursos em que se transformaria o financiamento público das campanhas.

Somente uma pessoa muito ingênua poderia aceitar essa tolice de que tal tipo de custeio acabaria com a corrupção. Não acabará nem com a corrupção nem com as *doações* dos empresários. A maior parte dessas contribuições já é clandestina e, portanto, não aparece nas prestações de contas feitas à Justiça eleitoral. Assim continuará a ser, com a contabilidade oficial para os recursos públicos, e o famoso *caixa dois* para os recursos ilegais, aportados por aqueles que têm interesses a serem defendidos no Congresso. A grande vantagem para os políticos é aumentar o montante a ser desviado para contas pessoais ou para outras destinações, já que boa parte dos gastos com as campanhas seria feita com o dinheiro que o Governo diz não ter para pagar aos funcionários públicos, para investir em saúde, ou em segurança, ou em educação, ou em infra-estrutura, ou, enfim, em qual-

quer outro serviço essencial que o Estado deveria prestar, mas não o faz.

Queremos, sim, uma reforma política, mas que não onere, ainda mais, o pobre contribuinte, que resguarde a vontade do eleitor, que respeite a consciência dos eleitos, no exercício de seus mandatos e que acabe com a farra da compra de deputados e senadores. Enfim, uma reforma que atenda aos interesses do povo, em vez de privilegiar as conveniências do Governo e dos Políticos.

Em função do acima exposto, é inevitável indagar-se o porquê de tantas reformas. Para explicá-lo, compararíamos o Governo com um adolescente que se encontra *pilotando* o carro do pai, de que se apropriou indevidamente, e, imaginando-se todo poderoso, desrespeita as regras de tráfego: avança sinais, ultrapassa os limites de velocidade, dá cavalos-de-pau, participa de pegadas. Tudo isso o faz julgar-se *a maior fera* e sentir-se o melhor *piloto* do mundo, considerando os demais motoristas *os maiores manés*. Na sua absoluta ignorância, não percebe que dirigir como um estúpido e irresponsável é muito fácil. Verdadeiramente difícil é fazê-lo com perícia operacional, com conhecimento de todas as normas de trânsito e com disciplina para as cumprir.

E o Governo? Bem, há aqueles que, parodiando o Rei de França, poderíamos classificar como do tipo “La Loi, c’est moi” (1). Parece que nunca aprendem que, apesar de figurar-se mais fácil exercer o Poder, adaptando o arcabouço jurídico do País às suas necessidades de cada momento, os resultados são tão desastrosos quanto o são os do *piloto* adolescente.

Esse caminho é o preferido dos ditadores, que, geralmente, terminam depostos, presos, exilados ou mortos. Às vezes, tudo isso. O verdadeiro Estadista governa dentro do estrito cumprimento da Lei, pois sabe que ela, e somente ela, lhe dará a indispensável legitimidade para exercer o seu mandato.

Infelizmente, a quem vê as ações dos atuais governantes brasileiros, fica a impressão de que conquistaram o Poder por meio de revolução e não como resultado de eleição. Ao que nos consta, a única revolução de que participaram, eles perderam.

Façamos, agora, um passeio por algumas das Políticas de Governo em desenvolvimento que nos interessam mais particularmente.

A Política Externa parece independente e orientada para os verdadeiros interesses brasileiros, em-

bora apresente algumas incoerências, somente explicáveis se aceitarmos que as linhas gerais são traçadas pelo Itamarati, um dos poucos setores governamentais com pessoal altamente capacitado. As discrepâncias seriam as idiosincrasias partidárias introduzidas.

A Política Indigenista é tão sem sentido que, para ela, não resta justificação fora da teoria conspiratória. O que se faz em Roraima é um crime contra o patrimônio, contra a integridade, contra a economia e a cultura nacionais, com gravíssimos reflexos para Segurança do País.

Para o índio, outra grande vítima, essa Política é, simplesmente, nefasta. Na natureza, tudo o que não evolui se extingue. Não se podem estagnar, impunemente, vários grupamentos humanos, negando-se-lhes os avanços científicos, tecnológicos e sociais da civilização, apenas para atender aos caprichos de alguns antropólogos estrangeiros, ou, quem sabe, facilitar a transferência futura para alienígenas, de uma das mais ricas terras do Brasil.

Além do mais, cria-se um problema insolúvel para as próximas gerações. Dentro de pouco tempo, a humanidade terá evoluído tanto, que será abismal a diferença entre o homem civilizado e os nativos excluídos, mantidos nos zoológicos humanos em que querem transformar certas áreas do Território Nacional, o que tornaria extremamente difícil a assimilação que, mais cedo ou mais tarde, será inevitável.

Aos estrangeiros que nos tentam impor essa segregação discriminatória, que fere, inexplicavelmente, os direitos de cidadãos brasileiros, deve-lhes ser dito que, no mínimo, são tendenciosos. Que essa preocupação que aparentam ter com a preservação dos aborígenes, não têm para com a nossa própria cultura, invadida pelo lixo que eles mesmos produzem em seus países de origem.

Que se lhes diga, também, que não aceitamos que nos neguem a soberania e a autodeterminação que nos querem forçar a dar aos autóctones.

Os nossos indígenas, para o bem deles e para o

“Se os mais jovens, que desconhecem o passado, ficarem indiferentes, vamos motivá-los!”



nosso, devem ser incorporados à sociedade brasileira o mais rapidamente possível, sendo-lhes dada a cidadania plena, com os mesmos direitos e deveres dos demais, ainda que lhes deva ser dada a proteção e a ajuda indispensáveis, durante a transição.

A Política de Defesa é um desastre somente comparável ao da Política Econômica, que não será abordada aqui, por já o termos feito em outro artigo (2).

Para resumir a situação das Forças Armadas, podemos afirmar que elas estão sendo levadas à morte por inanição, enquanto alguns militares, em delírio, sonham um sonho cor-de-rosa, em que todas as Forças serão plenamente equipadas, em que os dinheiros dos fundos de saúde nunca foram contingenciados e, pasmemo-nos todos nós, em que haverá, até, comida para os soldados. Atualização dos soldos, não. Ela será proposta pelo menor dos índices disponíveis, mas, mesmo assim, provavelmente, nem em sonho ou delírio, será atendida. A equipe econômica não dorme, portanto não permitirá esse desperdício onírico. Talvez, no máximo, uma pequena esmola, na medida da nossa capacidade de pressionar, para fingir o cumprimento da *correção* anual dos soldos ou para satisfazer as carências de alguns egos. Mas não faz mal. Os militares fazem qualquer sacrifício pela Pátria. São puros. Deixaram-se até convencer de que receber remuneração justa é ser mercenário. E ainda acreditam em Papai Noel e em Presidente da República.

Em Ciência e Tecnologia não há investimento e somente colecionamos fracassos, desde que fomos dominados por essa nova ideologia que veio com a globalização. Demonstra isso o corajoso relatório do Ministro da Defesa, Embaixador José Viegas Filho, sobre o acidente com o Veículo Lançador de Satélite.

É indispensável que se faça alguma coisa para mudar esse quadro desolador. Já que os formadores de opinião foram cooptados ou não têm espaço em uma mídia censora e invasiva que não deixa que ecoem idéias contrárias ao pensamento dominante, é dever de todos nós tentar despertar aqueles que ainda dormem, mostrando-lhes o que está a acontecer diante de seus olhos fechados.

Assim, vamos, todos nós, denunciar, reagir, usar de todos os recursos ao nosso alcance para que sejam bloqueadas as manobras em curso. Se os mais jovens, que desconhecem o passado, ficarem indiferentes, vamos motivá-los! Não é hora para covardia. Reunamos a energia que nos resta e partamos para a

luta. Afinal, de que teria medo um homem de mais de sessenta anos? Nem da morte! Se, a esta altura dos acontecimentos, não estivéssemos preparados para ela, nada teríamos aprendido com a vida. Mas, felizmente, não é assim. Ainda estamos vivos!

Duas eleições se aproximam: a municipal, quase imediata, e, pouco depois, a presidencial. Se protestarmos sem medo, com ousadia e convicção, contando ainda com a ajuda do próprio Governo, cuja incompetência tem sido antológica, haveremos de vencer. Apesar de o tempo não ser exatamente um bem que nos sobre, viveremos, com a ajuda de Deus, o suficiente para sentir, mais uma vez, o indescritível prazer de vermos maus governantes apeados do Poder que exerceram, em nome de seus preconceitos, esquecidos de quem os elegeu.

Preocupa-nos, porém, a inexistência, até o presente momento, de candidatos com as virtudes mínimas necessárias, em quem pudéssemos votar com tranqüilidade.

Paciência! Talvez tenhamos, uma vez mais, de votar no candidato aparentemente *menos pior*.

Que os Governantes futuros aprendam com as lições do passado, para que não se vejam fadados ao mesmo destino.

Como seria bom se fôssemos poupados de tudo isso, se o sonho de alguns virasse a realidade de todos, se o Presidente da República, livrando-se das limitações e dos preconceitos daqueles que o orbitam por ideologia ou interesse, aceitasse o papel de Estadista e passasse a governar para o bem comum!

Mas o Brasil é um grande País e tem um povo maravilhoso que saberá encontrar o seu destino, apesar dos óbices que uns poucos, por ignorância, incapacidade ou má fé ainda lhe tentam impor.

**“...não aceitamos
que nos neguem a
soberania e a
autodeterminação...”**

Notas do autor:

(1) *L'État, c'est moi!* (O Estado sou eu!) – frase atribuída a Luís XIV, o Rei Sol, de França.

(2) *De Economia e Política para Crianças* – artigo publicado na Revista aeronáutica nº 242, nov./dez. 2003.

EVENTOS

do Clube de Aeronáutica

Toda terça-feira,
TERÇA NOBRE, com
música ao vivo, sax, teclado
e piano em um clima
agradável e tranquilo...

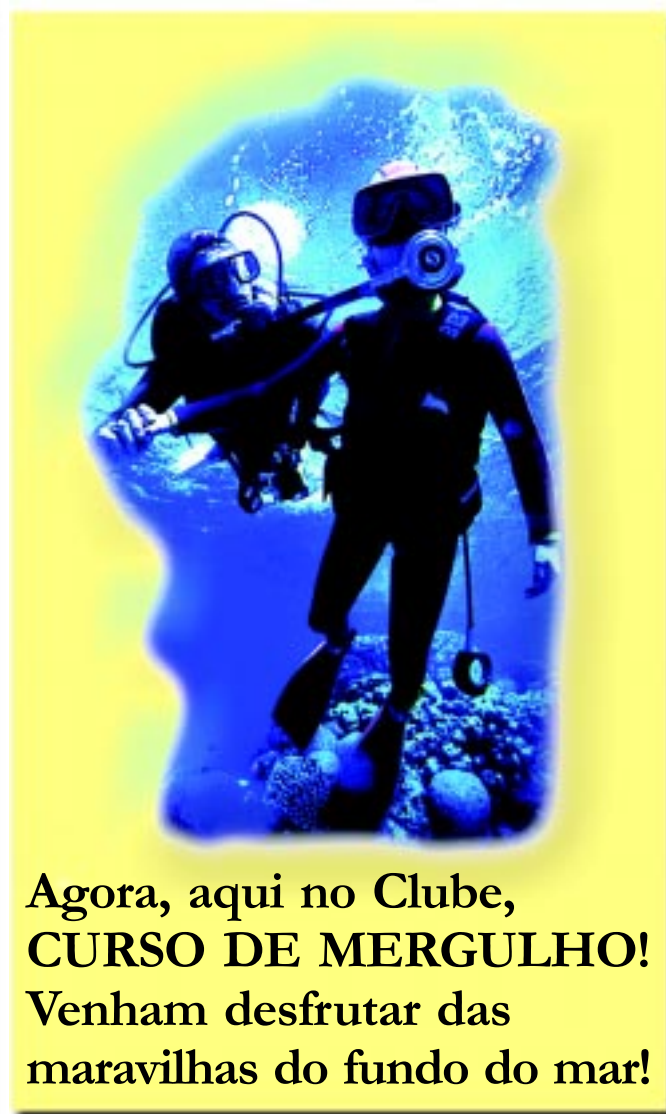
Quarta-feira,
QUARTA ESPECIAL, com os
mais variados ritmos e
excelentes cantores da noite
carioca, inclusive o conhecido
EPAMINONDAS, ex-Trio
Nagô. Além de tudo isso,
sorteio de brindes!!!!!!!

Quinta-Feira, o famoso
HAPPY HOUR, um dos mais
badalados do centro da cidade,
com música mecânica e pista
de dança, sob o comando do
Dj MARCOS BLANCO com
os melhores hits do momento!
Vale a pena conferir!!!!!!

Repetindo o sucesso
do dia 9 de março, vem
aí o **BAILE DA**
IDADE FELIZ,
dia 11 de maio, com o
conjunto **ARARIPÊ**.



Enquanto isso, aguardamos o próximo **HAPPY HOUR ESPECIAL**. Sempre muito famoso pelos frequentadores e convidados, com decoração temática, pista de dança expandida, música mecânica e ao vivo e shows de acordo com o tema do evento, como o que aconteceu no dia 12 de fevereiro, abrindo o carnaval e denominado **HAPPY DAS MÁSCARAS**. Foi sucesso absoluto!



Agora, aqui no Clube, **CURSO DE MERGULHO!** Venham desfrutar das maravilhas do fundo do mar!

Lembrando sempre que, tudo isso em um ambiente de total segurança e muita descontração, regado pela mais bela vista da **BAÍA DE GUANABARA!**

Informações sobre os **EVENTOS** do Clube pelo telefone: 2210-3212 ramais: 215/217/234





Família reunida na sala de estar. Pizza, cerveja e refrigerantes. O pequeno Nicolas corre pela sala com seus três anos de idade (ou, parodiando Carlos Drummond de Andrade, três anos e alguns caramelos) e um copo de vidro na mão. A zelosa e assustada vovó se apressa em tomar o perigoso objeto, na iminência de cair. A resposta vem rápida:

– Não, não – ele diz, juntando as mãos em forma de concha. Eu cabrilo, eu cabrilo...Eu sei cabrililar!

Ninguém entende, mas todos riem diante da determinação, do meneio gracioso de cabelos cacheados, da seriedade que acompanha a afirmativa desconcertante.

Troco um olhar com a mãe e quedamos, ambas, intrigadas com o verbo novo. No meu afã linguareiro, tento traduzi-lo. Eis que o gestual de meu sobrinho e as consoantes me socorrem. Equilibrar! Eu equilíbrio, eu equilíbrio. Eu sei equilibrar!

Eureka! O prazer da descoberta revive em mim um Archimedes adormecido.

A língua se reafirma em aprendizagem e inventividade através das gerações. Mais uma vez, a criança nos mostra como apreendemos o idioma materno e o quanto isto é, ao mesmo tempo, inacreditavelmente simples e terrivelmente complexo. A mágica das palavras, em forma e sentido, resgatada na travessura infantil, a nos lembrar, também, que a sociedade humana se reconstrói a cada novo ser falante. E este é o mais belo dos mistérios.

Tal como num jogo, a criança arruma e reagrupa os fonemas, desde os primeiros balbucios e os vai moldando, não a seu bel-prazer, mas segundo as regras do grupo social a que pertence. Isto é muito forte para ser esquecido, especialmente em momentos de espanto e dor como o que vivemos diante das renovadas demonstrações de barbárie da violência urbana e do terrorismo.

Maria Veronica Aguilera
Jornalista



“Até onde
vai a nossa
liberdade
de criar
novos
vocabúlos?”

Nicolas equilibra os fonemas da língua portuguesa, muito próximo do jeito com que se calibram os pneus de um carro. É engraçado – não? – como se parecem os vocabúlos calibrar e cabrililar, este fora do léxico da língua, ou seja, do conjunto de palavras dicionarizadas porque aceitas e empregadas pelo grupo de falantes. Calibrar, seja significando comparar as indicações de um instrumento padrão, a fim de corrigir-lhe os erros de graduação, ou, como no posto de gasolina, dar a conveniente pressão de ar a um pneu, tem um certo sentido de equilíbrio. Não é o caso de nos perguntarmos se, em algum momento da infância histórica da língua portuguesa, um troca-troca fonético, à *Nicolas*, teria dado origem a uma nova palavra?

Como surgem as palavras? Até onde vai a nossa liberdade de criar novos vocabúlos? Por que formamos determinadas palavras e não outras? As palavras também morrem? Quando um estrangeirismo ganha a cidadania da língua pátria que invadiu? São perguntas intrigantes, boas de se fazer, nem que seja para fugir do noticiário ruim. Melhor ainda é pegar um dicionário e ficar folheando ao acaso. Servem os eletrônicos. Você nem imagina o quanto pode ser surpreendente e divertido! 



Márcia Martins Olímpio
Museóloga

O Acervo do Museu Aeroespacial em Exposição: quando tombbar significa proteger

O coração de Santos-Dumont, a Bandeira Nacional que tremulou nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, o Protótipo do Veículo Lançador de Satélite, esses e mais tantos outros objetos fazem parte do tesouro que se encontra em exposição no Museu Aeroespacial. Todo esse importante acervo de inestimável valor histórico está à sua espera para ser visto, descoberto e admirado, no maior museu no gênero em todo o Hemisfério Sul.

É necessário ressaltar, porém, que por trás de cada objeto exposto, existe um trabalho de tombamento e catalogação. E em que consiste essa atividade? Para que serve? Por que isso é necessário? A resposta: o trabalho de tombamento de um acervo é realizado de forma não aparente para o público visitante; isso porque o registro de bens culturais é uma tarefa de bastidores, de pouca visibilidade, e quase sempre de longa duração. No entanto, é no ato do

tombamento que acontece a oficialização da existência de um objeto. É na catalogação que se registram todos os dados sobre o percurso da *vida* desse mesmo objeto. Todo esse registro fica agrupado em um único documento, que é a *Ficha de Catalogação*. Cada peça possui sua própria ficha e, sempre que se faz necessário, esta é atualizada em seus diversos campos de informações. Por todos esses motivos, cabe dizer que o conteúdo de uma *Ficha de Catalogação* é uma fonte segura, exata e dinâmica, de consulta, tanto para o próprio Museu, como também para o atendimento do público externo, exceto os itens considerados confidenciais. Pode-se, portanto, compará-la a uma *certidão de nascimento* ou a uma *carteira de identidade* do objeto. No momento em que um objeto é tombado e catalogado, ele passa a ter um documento de existência como acervo museológico. Somente através do registro de um bem cultural torna-se possível

identificar, pesquisar, classificar e controlar o acervo de um museu. Para se preservar um acervo é necessário, antes de tudo, conhecê-lo.

Outro aspecto extremamente válido a destacar é que o acervo do MUSAL em exposição está passando por um processo de informatização, através de um sistema próprio para cadastro e controle de acervos. Esse sistema, além de resolver definitivamente a questão de espaço para o armazenamento de informações sobre o objeto catalogado, agiliza a consulta nos mais variados campos de pesquisa, e ainda dispõe de um registro de imagens digitalizadas, facilitando a identificação e o controle do objeto.

O acervo do Museu Aeroespacial



Coleção Aeronaves:
Curtiss Fledgling

al em exposição é composto de quase 1.000 peças, cada qual situada dentro de uma das 25 Coleções existentes. Essas Coleções, cujas nomenclaturas homenageiam personalidades e fatos da História da Aviação, apresentam-se expostas em diferentes espaços, distribuídas em Salas Históricas, Varanda, Galeria de Arte, Hangares e Pátio Externo.

Dentre esse acervo tombado, catalogado e exposto, o MUSAL apresenta raridades, peças únicas, belas e originais. Como exemplos vale citar, na *Coleção Aeronaves*, o avião Caudron G-3, fabricado em 1916 durante a Primeira Guerra Mundial; o avião Curtiss Fledgling que, em 1931, fez o vôo pioneiro do Correio Aéreo Nacional, entre Rio e São Paulo; o avião Focke Wulf Fw 58, único no mundo, e que fez seu primeiro vôo em 1941; o avião P-47 Thunderbolt, usado como aeronave de caça na Segunda Guerra Mundial; e o Avião Gloster MK8 Meteor F-8, primeiro jato introduzido no Brasil, em 1953. Na *Coleção Santos-Dumont*, destacam-se a Miniatura de Asa Delta, construída pelo próprio Santos-Dumont no início do século XX e o famoso Chapéu Panamá, tantas vezes por ele usado. A *Coleção Artes* acolhe excelentes pinturas aeronáuticas, como *Esquadilha da Fumaça*, de autoria de Bryan Withams, e *FAB na Amazônia*, de John Young. A *Coleção Salgado Filho*

reúne o mobiliário do gabinete do primeiro Ministro da Aeronáutica. Na *Coleção Eduardo Gomes*, a túnica do uniforme da Aviação Militar usada pelo então 1º Ten. Observador Eduardo Gomes durante o episódio dos 18 do Forte abrilhanta a exposição, assim como, na *Coleção 1º Grupo Aviação de Caça Campanha da Itália*, o uniforme de vôo usado pelo então Ten.-Cel. Nero Moura. Além desses exemplos, inúmeros outros objetos históricos de igual valor encontram-se inseridos e expostos em várias Coleções.

Essas preciosidades e muitas outras aguardam por você, pela sua visita. No Museu Aeroespacial toda a História da Aviação brasileira – desde os primórdios até a atualidade – encontra-se na sua maioria exposta, tombada e preservada.

E, se por acaso causou surpresa a informação contida na primeira linha desse texto sobre o coração de Santos-Dumont...acredite, ele existe, venha conferir. ✈



Coleção Santos-Dumont: chapéu "Panamá" usado por Santos-Dumont



Coleção Salgado Filho: mobiliário do gabinete do primeiro Ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado Filho



Oh! Fortunato,

*Com certeza sentiste
saudades e foste, agora,
procurar a companhia
da maioria*

*É, rapaz, restam poucos,
por aqui.*

*Naturalmente, sentimos
tristeza, mas o Criador não
te deixará sozinho, colocar-*

*te-á entre os nossos que já se foram e, certamente, alegre ficarás, e isso
amenizará nosso caminhar. Ele é generoso com aqueles que não temem
seu destino inexorável.*

*Interessante, todos procuram uma certeza e, quando a encontram,
a maioria passa a temê-la.*

Não é o nosso caso. Lembras do Hino?

"Não importa a tocaia da morte"...

Bons tempos aqueles...

"Às estrelas, de noite, subimos"...

*E quantas vezes subimos! Na metáfora ou na realidade, não
importa, porque em ambas fomos e seremos sempre os "filhos ativos dos
ares". Como tu, que ascendeste em abril, mês dos caçadores.*

*Certamente escreveremos sobre ti e, por coincidência, serás
eternizado ao lado da foto do
monumento ao Richardson
Cordeiro, teu ala, que se foi
na Itália há bastante tempo.
Lembra?*

*Bem, companheiro,
nada mais a dizer.*

*Falamos com a alma e,
certamente, ouviste.*

*Até breve, com certeza,
diriam os veteranos.*

Revista aeronáutica

